

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Christian Arend Kremer

**AS REPRESENTAÇÕES DOS JUDEUS NA KOELHOFFSCHE CHRONIK
(1499)**

Porto Alegre
2018

Christian Arend Kremer

**AS REPRESENTAÇÕES DOS JUDEUS NA KOELHOFFSCHE CHRONIK
(1499)**

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cybele Crossetti de Almeida

Porto Alegre

2018

Christian Arend Kremer

**AS REPRESENTAÇÕES DOS JUDEUS NA KOELHOFFSCHE CHRONIK
(1499)**

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 17 de janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cybele Crossetti de Almeida
Orientadora

Prof. Dr. Vinícius César Dreger de Araújo
UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros (MG)

Me. Fernando Ponzi Ferrari
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS

AGRADECIMENTOS

Talvez não existam palavras que consigam expressar suficientemente minha gratidão a todos aqueles que estiveram comigo nessa caminhada, entretanto, deixo um singelo registro àqueles que colaboraram para que eu pudesse chegar nesta etapa. Com certeza este trabalho é o resultado de um acúmulo de aprendizagens diárias que todos vocês de alguma maneira tiveram importância para solidificar.

Agradeço primeiramente à minha orientadora Cybele Crossetti de Almeida, pelo exemplo de profissional que é, por toda dedicação e por todo empenho. Com certeza, sem os empréstimos de bibliografia, sem as correções e sem as valiosíssimas dicas e sugestões, este trabalho não teria sido concluído. Muito obrigado por toda assistência e pelos inteligentes conselhos sempre que pedi socorro.

Nesse sentido, deixo um obrigado muito carinhoso a todos professores que tive em minha trajetória, desde o Ensino Fundamental, já que esses todos têm uma relevante contribuição na minha formação. Particularmente à Carla, que para mim, além de grande amiga, foi minha inspiração para seguir na carreira de historiador.

Agradeço ao DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst), que financiou uma bolsa de estudos para que eu pudesse aprimorar meus conhecimentos em língua e cultura alemãs, sem os quais não seria possível o desenvolvimento deste trabalho. Ademais, foi nesta ocasião que tive a oportunidade de estudar em Colônia e me apaixonar por esta maravilhosa cidade.

Minha família também sempre ocupou um fundamental espaço para mim enquanto incentivadora. Por isso, agradeço a todos familiares e, especialmente aos meus pais, Traudi e Nilo, que além de me presentarem com a vida, me passaram ricos ensinamentos e desde cedo me mostraram a importância do estudar, sendo que a recompensa é sempre muito válida: Danke für alles was ihr für mich getan habt!

Enquadram-se ainda como família os meus primos, contudo estes também são melhores amigos: Amanda, Cristina, Felipe, Manuela e Tiago. Obrigado por todo apoio e colaboração. Sei que sempre que precisei e que precisarei, posso contar com vocês!

Agradeço enormemente ainda à Greice e sua família por toda sua paciência e apoio. Obrigado por ter estado ao meu lado, mostrando e confiando que seria possível chegar lá. Seu companheirismo foi essencial para concluir este trabalho. Ich liebe dich!

Obrigado à minha filha felina, Aschenputtel, minha companheirinha, que esteve ao meu lado durante toda a escrita deste trabalho, acalmando-me e tranquilizando-me com os sons de seu ronronar.

Deixo aqui também o meu muito obrigado a todos amigos e amigas com os quais pude compartilhar momentos únicos e que me fortaleceram enquanto pessoa. A amizade é algo inestimável!

Assim sendo, agradeço ainda à gurizada do apê 42, porque sem eles os quatro anos em Porto Alegre não teriam sido os mesmos. August, Felipe, Rodrigo e William, obrigado por me suportarem durante esse tempo!

Por fim, mas não menos importante, muito obrigado aos colegas e, sobretudo, amigos, que a História me proporcionou: Alexandre, Carlos, Gabrielle e Natália, sem o apoio de vocês, sem o “vamo dale” diário, este trabalho não teria acontecido.

Enfim, sou muito grato por ter vocês ao meu lado!

RESUMO

O trabalho desenvolvido apropria-se de uma fonte oriunda de uma região que é pouco explorada na historiografia medieval brasileira, que é o caso do Sacro Império Romano-Germânico. Neste âmbito, analisa-se o eixo temático “judeus“ a partir de uma observação da ocorrência e da abordagem deste grupo na crônica de Colônia denominada Koelhoffsche Chronik (1499). Assim, a metodologia empregada recorre à análise tanto narratológica das fontes cronísticas desta cidade para a obtenção de resultados quanto de seu contexto de produção. O recorte proposto pretende observar as formas como judeus foram pensados e abordados, e como o cronista retrata isso nestes relatos cronísticos. É recorrente no Ocidente Medieval temas antijudaicos e fontes que apresentem os judeus paulatinamente degradados, empobrecidos e culpabilizados por problemas como aumento de impostos e doenças, além da difusão de lendas e de estereótipos em relação a sua cultura. Nesse sentido, os judeus enquadram-se como marginais na sociedade medieval, o que tem repercussões em Colônia e na Koelhoffsche Chronik, possibilitando assim compreender melhor diversas relações sociais e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Idade Média Tardia, Judeus, Koelhoffsche Chronik, Colônia, Crônicas, Cidades.

ABSTRACT

This academic work appropriates a source from a region that is barely explored in the Brazilian medieval historiography, which is the case of the Holy Roman Empire. In this context, the thematic axis "Jews" is analyzed from an observation of the occurrence and the approach of this group in the Chronicle of Cologne called Koelhoffsche Chronik (1499). Thus, the methodology used resorts to the narratological analysis of the chronicle sources of this city in order to obtain results as well as its production context. The proposed clipping intends to observe the way Jews were thought and approached, and how the chronicler portrays this in these chronicles. It is recurrent in the medieval Occident the occurrence of anti-Jewish themes and sources that present the Jews gradually degraded, impoverished and blamed for problems such as increased taxes and diseases, as well as the spread of legends and stereotypes about their culture. In this sense, the Jews are classified as marginal in medieval society, which has repercussions in Cologne and Koelhoffsche Chronik, making it possible to better understand various social relations and their unfolding.

Keywords: Late Middle Ages, Jews, Koehoffsche Chronik, Cologne, Chronicles, Cities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1 QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS, CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS	05
1.1 Discussão teórico-metodológica	05
1.2 Discussão conceitual	08
1.3 Discussão contextual	12
2 A SANTA COLÔNIA, OS JUDEUS E A KOELHOFFSCHE CHRONIK ..	18
2.1 Aspectos da história da cidade de Colônia	18
2.2 Os judeus na Alemanha e em Colônia na Idade Média Tardia	21
2.3 A Koelhoffsche Chronik como fonte histórica e seu contexto de produção	28
3 OS JUDEUS NA KOELHOFFSCHE CHRONIK	31
3.1 Os “ <i>Joeden</i> ” na Crônica de Koelhoff	31
3.2 As menções aos judeus nos relatos do século XIV e a primeira expulsão	33
3.3 As menções aos judeus nos relatos do século XV e a segunda expulsão	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

A historiografia medieval no Brasil se utiliza de crônicas há bastante tempo e com ótimos resultados¹. Entretanto, as obras analisadas no Brasil são geralmente restritas ao contexto ibérico e a temáticas político-econômicas. O presente trabalho inova ao apropriar-se de fontes de uma região que é pouco explorada por estudiosos brasileiros, que é o caso do Sacro Império Romano-Germânico. Nesse sentido, propõe-se a fazer uma análise no âmbito das culturas e representações nesta região.

A fonte primária para o desenvolvimento deste trabalho é a Crônica de Koelhoff, que recebeu oficialmente o nome de “*Cronica van der hilliger stat van Coellen*” (Crônica da sagrada cidade de Colônia). Publicada em 1499, a obra ficou conhecida como *Koelhoffsche Chronik* devido ao nome de seu editor, Johann Koelhoff der Jüngere.² A autoria deste relato é até hoje desconhecida, entretanto fica evidente que ao adotar o título oficial para a narrativa, o cronista pretende escrever a História da cidade em questão.

Pretende-se buscar na Crônica de Koelhoff como os judeus, grupo estigmatizado da sociedade medieval, são nela representados e as respectivas correspondências existentes com as relações de exclusão social daquele contexto. O antijudaísmo pode ser considerado como um fenômeno generalizado no medievo, sendo que se manifestou de diversas maneiras e em todo o continente europeu. Dentre as maneiras como estes sentimentos foram expressos está a difusão de estereótipos negativos a respeito dos judeus, que foram propagados e que tomaram conta do imaginário popular do continente e a frequente utilização de iconografias com temáticas antijudaicas.³

¹ Trabalhos desenvolvidos no Brasil sobre Idade Média na Inglaterra e na Alemanha são, em geral, escassos, vide MACEDO, José Rivair. Os estudos de história medieval no Brasil: tendências e perspectivas. In: Notandum, ano XII, nr. 21, set/dez. 2009, pp. 95-103. Entretanto, nota-se que mais recentemente algumas teses e dissertações começam a abordar a produção cronística também fora do contexto ibérico.

² Adota-se para o presente trabalho a coleção de crônicas da cidade renana transcrita para e editada originalmente pelo historiador alemão Karl Hegel e, durante a década de 1870, publicada pela Editora Salomon Hirzel, de Leipzig. As Crônicas de Colônia são compostas por três volumes, sendo que o segundo e o terceiro volumes, publicados respectivamente em 1876 e 1877, referem-se à *Koelhoffsche Chronik*. Ademais, a título de conferência do original, utilizou-se a edição digitalizada e disponibilizada pela Universidade de Düsseldorf, que se encontra sob o endereço: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ink/content/pageview/3666106> (último acesso em 05/12/2017)

³ Alguns autores utilizam os conceitos de antissemitismo e antijudaísmo como sinônimos, entretanto nesta pesquisa adota-se a diferenciação proposta por Rodrigo Laham Cohen, que está apresentada no primeiro capítulo deste trabalho, vide COHEN, Rodrigo Laham. Antisemitismo, antijudaísmo y xenofobia:

Portanto, analisa-se a partir da *Koelhoffsche Chronik* as seguintes questões: Com qual frequência e como os judeus são retratados neste contexto? Quais estereótipos estão presentes nesta narrativa e qual é o alcance dela? Quais os desdobramentos do antijudaísmo na cidade em questão? Contudo, tem-se em mente que estas indagações não podem ser respondidas apenas a partir de relatos cronísticos, necessitando o cotejo com outros tipos de fontes.

Para tal, pretende-se buscar verificar e quantificar as ocorrências (e/ou ausências) de menções ao grupo investigado na crônica, identificando a forma como estes são apresentados na narrativa. Dessa maneira, é possível associar as relações sociais e seus desdobramentos com as representações dos judeus na Crônica de Koelhoff, conectando os resultados com as mudanças históricas do período e o relacionando com o crescente antijudaísmo difundido em outros territórios da Europa. Ao analisar os resultados, é importante compará-los com relatos encontrados em outras cidades⁴, com a finalidade de enriquecer o trabalho.

O recorte geográfico foi escolhido pela cidade de Colônia possuir um papel importante no medievo devido à sua posição estratégica nas margens do rio Reno, sendo “uma das cidades mais importantes do Ocidente medieval: centro comercial, político, eclesiástico e artístico” (LE GOFF, 1995, p. 284). Além disso, a comunidade judaica de Colônia era uma das maiores e mais prósperas do Império. Com isso, o recorte temático selecionado visa analisar nas fontes cronísticas de uma das cidades mais prósperas do Ocidente Medieval as representações de um grupo que “sofre hostilidade e exclusão crescentes a partir do século XI” (LE GOFF, 1995, p. 313).

É possível, portanto, compreendermos os processos de degradação e empobrecimento dos judeus em Colônia, ainda que eles tivessem realizado suas contribuições econômicas e culturais, foram gradativamente suprimidas neste contexto de uma “muralla de ódio que se havia construído em torno deles” (JOHNSON, 1995, p. 240). A partir da apropriação da ocorrência deste grupo na Crônica de Koelhoff, pode-

Palabras, conceptos y contextos en la Antigüedad y la Alta Edad Media. In: *Conceptos Históricos 2*, 2016, pp. 12-39.

⁴ O antijudaísmo é questão recorrente, por exemplo, na “*Schedelsche Weltchronik*” ou “*Nürnbergger Weltchronik*” (Crônicas de Nurembergue), de Hartmann Schedel vide MORAIS, Vinícius de Freitas. A Crônica de Nuremberg e o antijudaísmo em xilogravuras no final do século XV. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História - Bacharelado, orientado pela professora Dr^a Maria Beatriz de Mello e Souza. IH/UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

se compreender melhor diversas relações sociais presentes neste panorama e seus desdobramentos, como, por exemplo, as frequentes expulsões deste grupo da cidade em questão.

O primeiro capítulo aborda questões que dizem respeito à discussão teórico-metodológica necessária para o desenvolvimento deste trabalho. Pensa-se o papel das crônicas urbanas como fontes históricas e as relações existentes entre o texto e o contexto em que este está inserido ao ser escrito. Reflete-se também acerca do trabalho com grupos considerados marginais na Idade Média bem como a importância do estudo das relações judaico-cristãs na Europa.

O capítulo I também apresenta o debate existente sobre os usos de conceitos adotados para a pesquisa, como representação, antijudaísmo e grupos marginais, com a finalidade de justificar as escolhas teóricas feitas ao longo do trabalho. Para encerrar este capítulo, expõe-se ainda o contexto de propagação e de generalização do antijudaísmo por diferentes territórios europeus na Idade Média Tardia, trazendo e explorando exemplos de diferentes locais deste continente a partir de uma perspectiva comparativa⁵.

O capítulo II esboça alguns aspectos gerais da história de Colônia com o intuito de situar a importância deste centro urbano do Ocidente Medieval e destacando questões político-econômicas, religiosas e sociais. Nesta parte também é apresentado o contexto dos judeus no Sacro-Império Romano Germânico durante o final da Idade Média e, mais especificamente, as relações deste grupo nesta cidade.

O segundo capítulo apresenta ainda a *Koelhoffische Chronik* enquanto fonte primária. Apontando para uma reflexão sobre o contexto de produção deste documento, uma vez que a autoria desta obra é desconhecida, observaremos as formas que a intencionalidade do autor legitima a ancestralidade de Colônia buscando escrever a história desta cidade como uma retórica para exaltá-la.

O último capítulo desenvolve a análise da fonte a partir do recorte proposto. Nesta parte são elencadas as menções aos judeus ao longo da crônica e são trazidos trechos do documento, explorando estas menções com as respectivas relações sociais

⁵ O procedimento comparativo aqui proposto é visto como um método de investigação historiográfica, não sendo necessariamente ligado à História Comparada, que é uma modalidade historiográfica específica, que pode ser observada em BARROS, José D'Assunção. *História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a História*. In: Revista de História Comparada, vol. 1, n. 1, junho de 2007, pp. 1-30.

presentes naquele contexto. Com isso, pretende-se explicar a visão do cronista sobre os judeus de Colônia e entender melhor, a partir disso, alguns episódios da história da cidade na Idade Média Tardia e seus desdobramentos.

É importante portanto que a diferenciação existente nos relatos cronísticos entre as menções aos judeus da Antiguidade e dos judeus do período medieval esteja presente para entendermos as situações apresentadas pelo cronista. Conclui-se então que as menções e/ou ausências dos judeus na fonte levam em consideração as intencionalidades do autor e enfatizam os episódios narrados que dizem respeito à perda de liberdade e às expulsões deste grupo da cidade.

Este trabalho analisa como os judeus são representados na crônica da cidade de Colônia intitulada “*Koelhoffsche Chronik*”, obra da segunda metade do século XV. A pesquisa recorre à narratologia para investigar as fontes cronísticas de Colônia a fim de obter resultados que expliquem a difusão de estereótipos e de simbologias utilizadas, inserindo-as no contexto da paulatina marginalização e degradação de judeus em vários territórios da Europa durante a Idade Média, bem como o desenvolvimento de comportamentos antijudaicos nestes contextos.

CAPÍTULO 1: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS, CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS

Neste capítulo são abordados temas referentes às discussões teórico-metodológicas, conceituais e contextuais desta investigação. Em um primeiro momento é abordada a metodologia de trabalho com fontes narrativas e com grupos marginais, elaborando uma reflexão das potencialidades das crônicas urbanas como fontes de pesquisa histórica. É abordado em seguida um estudo de debates em torno dos conceitos adotados e aplicados para o desenvolvimento do trabalho. Aqui são debatidos conceitos como representação, antijudaísmo, integração, marginalidade, etc. e suas respectivas aplicações em estudos do medievo.

Por fim, é analisado o contexto da paulatina marginalização dos judeus no continente europeu e a generalização do antijudaísmo em diversos territórios na Idade Média Tardia. A partir das pesquisas de autores que estudam a temática do judaísmo em diferentes contextos, desenvolve-se como a generalização deste fenômeno causa o chamado “efeito cumulativo” deste sentimento entre os séculos XII e XIV. Nesta parte também é levada em consideração a peculiaridade do caso germânico em comparação aos demais territórios europeus quanto à gestão das cidades frente à expulsão dos judeus nestes espaços.

1.1 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A utilização das crônicas como fonte histórica tange o próprio conceito de história; Sophie Menache (2006) aponta que se entendermos história como narrativa dos eventos passados, os cronistas medievais podem ser definidos como historiadores. No entanto, ao somarmos ao conceito de história critérios adicionais, como a abordagem crítica e analítica destes eventos passados, o trabalho dos cronistas medievais necessita de suporte de outros dados. É neste âmbito que se insere o historiador e sua função seletiva.

O debate historiográfico que opõe o fato e a ficção no contexto das crônicas também é desenvolvido por Menache (2006), que afirma que “é o historiador que deve reavaliar a importância dos detalhes para reconstruir o quebra-cabeça histórico

adequadamente”⁶ (p. 354). Esta autora sustenta que a fim de desvendar o quebra-cabeças histórico, o historiador deve comparar as informações com outros dados ao analisar crônicas, formando um fundamento sócio-econômico, cultural e político de determinado período e momento. Pretende-se obter isso inserido e problematizando o contexto político-social em que a *Koehoffsche Chronik* foi escrita e as possíveis intencionalidades do autor ao fazê-lo.

A metodologia empregada na presente investigação recorre tanto à análise discursiva e textual da fonte cronística urbana de Colônia quanto à narratologia para a análise destes resultados. Para isso é necessário um aprofundamento na contextualização histórica da produção da crônica, abrangendo questões como quem foi responsável por redigi-las, quais as suas motivações, a pedido de quem, etc. Nesse sentido:

a maneira pela qual foram contados os comportamentos, é, na verdade, uma contribuição para o processo de moldar o mundo. Ouvintes ou leitores podem partilhar suas narrativas sobre desviantes. Narrativas são o cimento para fornecer a coesão das sociedades. Narrativas de comportamentos desviantes e delinquentes oferecem orientações para como se deve comportar corretamente ou para evitar práticas que sejam consideradas uma violação às normas sociais ou à lei. Esta abordagem heurística é muito proveitosa porque não é mais necessário para tentar escrever uma reconstrução mais ou menos objetiva de um crime ou delito contra as normas sociais e políticas. Em vez disso, podemos usar este método para analisar os padrões dominantes de argumentação e o sistema de valores de uma dada sociedade.⁷ (ROGGE, 2016, p. 16)

Ao analisar o eixo temático proposto no trabalho e como estes são apresentados na crônica de Colônia, visa-se uma contribuição de fato não apenas para o entendimento do antijudaísmo, mas também para uma interpretação deste grande universo histórico-ficcional que são as crônicas. Afinal, estas abordagens situam-se na fronteira entre o local e o universal, uma vez que há muitas semelhanças nas formas como judeus foram pensados e abordados (inclusive em estereótipos) em outras regiões do continente europeu naquele período.

Nesse sentido, é relevante elencar o conceito de lógica social do texto trabalhado por Gabrielle Spiegel (1997), que argumenta que o texto não é apenas produto do meio

⁶ Tradução livre de: “*It is the historian who has to reassess the importance of such details and to reconstruct the historical puzzle accordingly.*”

⁷ Tradução livre de: “*The manner, in which they recounted this behavior, is, in fact, a contribution to the process of world shaping. Listeners or readers could share their narrations about deviance. Narratives are the cement to provide the cohesion of societies. Narratives of deviant and delinquent behavior offer orientations to behave properly or to avoid practices which are alleged to be a violation of social norms or law. This heuristic approach is very fruitful because it is no longer necessary to attempt writing a more or less objective reconstruction of a crime or offence against social and political norms. Instead, we can use this to analyze the dominant patterns of argumentation and the value systems of a given society.*”

social, mas também seu agente. A historiadora estadunidense identifica uma relação dinâmica entre escritores e receptores do texto:

A "lógica social do texto" é um conceito em uma estrutura única e complexa para a análise de um sítio social - sua localização dentro de um ambiente social incorporado que atua como um agente - e seu próprio caráter discursivo como "logos", ou seja, como ele mesmo, um artefato literário de análise literária (e formal) exigente. O jogo da "lógica" significa uma estrutura e um modo de desempenho linguístico e uma descrição objetiva de uma realidade social. Isso sinaliza a convicção de que os textos estão no mesmo estado que as realidades linguísticas e até mesmo o caráter puramente estético de uma obra. É por essa dupla característica que, finalmente, a textualidade medieval nos concede (mediado) o acesso ao passado.⁸ (SPIEGEL, 1997, p. 18)

Levando isso em consideração, durante a análise do caso de uma crônica urbana específica de uma cidade,

o olhar fica mais restrito, focado na proximidade; mas isso é compensado por um novo sentido para o que é próprio, vivenciado, experimentado; [...] nisto reside o valor e o charme, bem como os limites das crônicas burguesas do fim da Idade Média.⁹ (GRUNDMANN, 1897, p. 48)

Entretanto, há fatores que devem ser levados em consideração, ao trabalhar com este tipo de fonte, principalmente no que tange às intencionalidades do cronista:

Os cronistas são inspirados a escrever a história de uma cidade por variadas razões: alguns escrevem [...] em nome do Conselho da cidade. Outros, especialmente os patrícios e o clero, recorrem a suas próprias motivações. Quais objetivos - pode-se também falar de "interesses orientadores" - movem os autores? Isso também depende da concepção geral do trabalho e do contexto político da respectiva cidade.¹⁰ (WEBER, 1984, p. 18)

Tendo isso em vista, Bottici e Challand (2006) ao trabalharem a noção de mito político utilizam o conceito de Blumenberg (1985) a necessidade humana em atribuir significado (*Bedeutsamkeit*) ao mundo, o que pode ser exemplificado na cultura e

⁸ Tradução livre de: "The 'social logic of the text' is a term and a concept that seeks to combine in a single but complex framework a protocol for the analysis of a text's social site - its location within an embedded social environment of which it is a product and in which it acts as an agent - and its own discursive character as 'logos', that is, as itself a literary artifact composed of language and thus demanding literary (formal) analysis. The play on 'logic' as signifying both a structure and mode of linguistic performance and an objective description of a social reality (albeit one mediated in language) was and remains intentional. It signals my conviction that texts incorporate social as well as linguistic realities and that even the purely aesthetic character of a work can be related to the social world from which it emerges. It is because of this dual characteristic that, ultimately, medieval textuality grants us (mediated) access to the past."

⁹ Tradução livre de: "Der Blick wird eng, auf das nächste gerichtet; aber dabei wird vielfach ein neuer Sinn für das Eigene, Erlebte, Erfahrene spürbar; [...] Darin liegt der Reiz und Wert wie die Grenze der bürgerlichen Chronistik des ausgehenden Mittelalters."

¹⁰ Tradução livre de: "Die chronisten werden aus den verschiedenen Gründen zur Abfassung einer Stadtgeschichte inspiriert: Manche schreiben, [...] im Auftrag des Rats. Andere, insbesondere Patrizier und Geistliche, greifen aus eigenem Antrieb zur Feder. Welche Zielsetzung - man könnte auch von "erkennisleitendem Interesse" sprechen - bewegt also die Verfasser? Dies hängt auch ab von der Gesamtkonzeption des Werkes und dem politischen Umfeld der jeweiligen Stadt."

linguagem por meio de expressões como mitos, lendas, medos e estereótipos. Assim sendo, para os autores o que daria cunho político a um mito não seria o seu conteúdo, mas sim algo que os relaciona às condições políticas de um grupo inserido em determinado contexto. No caso dos judeus medievais, estes mitos foram expressos mediante acusações como o assassinato ritual, a profanação da hóstia e o envenenamento de poços.

A partir disso, os caminhos e objetivos da metodologia de trabalho com grupos marginais na sociedade da Idade Média Tardia são trilhados por Hergemöller (1994) ao explorar a função social intrínseca aos preconceitos e à marginalização:

Ademais, a persistência de julgamentos de exclusão e reprodução de estereótipos sociais possibilita a compreensão de conflitos e medos inconscientes; Desejos instintivos, que permaneceram inalterados como consequência da situação social, são projetados para os grupos marginais, que são então declarados inferiores e, portanto perseguidos.¹¹ (HERGEMÖLLER, 1994, p. 47)

Desta forma, o autor sustenta que aquele indivíduo que não se identifica com as ideias prevalentes é induzido ao afastamento, e que isso se dá a partir de vínculos emocionais e sociais, levando, portanto, à exclusão de grupos diferentes do dominante. Assim, é natural que os indivíduos se unam e se adaptem aos grupos majoritários, com a finalidade de participar do sucesso destes e se afirmarem socialmente. Isso posto, fica claro que ao concretizar as tendências de marginalização, os grupos dominantes tentam intensificar e acelerar sua própria adaptação ao meio social prevalente. (HERGEMÖLLER, 1994, p. 47)

A partir destes enfoques metodológicos foram abordados os recortes cronológicos/temáticos/geográficos selecionados. Isto posto, vale ressaltar que se espera com o desenvolvimento desta pesquisa realizar uma contribuição válida para a temática, visto que as pesquisas em estudos medievais no Brasil geralmente concentram-se tanto com recortes geográficos e temáticos focados em outros aspectos quanto apropriam-se de outros enfoques metodológicos.

1.2 DISCUSSÃO CONCEITUAL

¹¹ Tradução livre de: *“Außerdem, ermöglicht das besonders hartnäckige Festhalten an Ausgrenzungsurteilen und sozialen Stereotypen die Verarbeitung unbewusster Konflikte und Ängste; Triebwünsche, die als Folge der Sozialsituation unbefriedigt geblieben sind, werden auf die Randgruppen projiziert, die sodann für minderwertig erklärt und verfolgt werden.”*

Reinhart Koselleck é considerado um dos fundadores da escola historiográfica chamada “história dos conceitos” (*Begriffsgeschichte*), que se preocupa constantemente com a questão semântica dos conceitos fundamentais adotados em um trabalho. Em sua obra, o historiador alemão propõe a utilização e a apropriação dos significados de conceitos para o entendimento mais profundo das transformações históricas de determinado contexto¹². “O estudo dos conceitos e de sua história linguística é uma condição mínima para reconhecer a História, conforme sua definição, pois possui relação com a sociedade humana.”¹³ (KOSELLECK, 2006, p. 7) Tendo isso em vista, é de suma importância tecer uma breve discussão acerca dos conceitos aplicados neste trabalho.

As representações são descritas por Pesavento (2006) como uma “redescoberta dos historiadores na sua maneira de enxergar o mundo e, sobretudo, o passado.” (p. 49) De acordo com a autora, mesmo que esta “redescoberta” tenha acontecido na França, este debate tornou-se, internacional. Nesse cenário internacional, inserem-se contribuições de autores como o italiano Carlo Ginzburg, que sugere uma ambivalência no conceito de representação:

Por um lado, a “representação” faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar. (GINZBURG, 2001, p. 85)

Nesse âmbito, Pesavento articula o conceito de representação como próximo às sensibilidades do indivíduo e manifesta a importância do papel do historiador. “Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da História, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo, constituiria [...] a meta buscada por cada pesquisador.” (PESAVENTO, 2006, p. 50) Assim sendo, a importância da função do profissional de história é a ação humana de “re-apresentar” a realidade pela linguagem e pela forma.

Para interpretar como um determinado grupo é “re-apresentado” em uma narrativa, é fundamental o entendimento do conceito de grupo. Wössner caracteriza

¹² Vide resenha da obra de Koselleck desenvolvida por Bruno Silva de Souza publicada na revista AEDOS: PPG História/Ufrgs, Num. 8, vol. 3, Janeiro - Junho 2011.

¹³ Tradução livre de: “*Die Begriffe und deren sprachliche Geschichte zu untersuchen gehört so sehr zur Minimalbedingung, um Geschichte zu erkennen, wie deren Definition, es mit menschlicher Gesellschaft zu tun zu haben.*”

“grupo” como “uma pluralidade (variada, coletiva) de pessoas (...), que, a longo prazo, pretendem atingir objetivos e propósitos específicos por meio da assunção de determinadas funções coordenadoras das relações sociais”.¹⁴ (WÖSSNER *apud* HERGEMÖLLER, 1994, p. 14) A identificação de um grupo pode estar vinculada a diversos fatores comuns aos indivíduos a ele pertencentes, como idioma, costumes, origens genealógicas, lembranças coletivas, profissões, etc. No caso dos judeus, o fator majoritário que os identifica como grupo é a cultura religiosa.

Tendo-se em mente estes fatores, é necessário compreender o funcionamento das estruturas sociais do objeto de estudo:

A sociedade nas cidades alemãs da Idade Média Tardia dividia-se em camadas e grupos, sendo que estes poderiam pertencer a uma ou a várias camadas. Esses grupos eram elementos constitutivos essenciais da vida social. A busca de tarefas e interesses nos grupos era constantemente inseparável das predileções pessoais. Camadas que dividem e grupos que conectam determinam a estrutura interna da sociedade urbana tardo-medieval.¹⁵ (MASCHKE, 1980, p. 145)

É relevante pensarmos que, em contraste com quase todos os outros grupos marginais, que se definem pela atribuição de fatores de identificação por parte da sociedade em que estão inseridos, os judeus medievais foram moldados pela autoimagem de uma comunidade independente. Diversos fatores contribuíram para a marginalização dos judeus durante a Idade Média Tardia, uma vez que esta se deu em função de diversos processos políticos, sociais, culturais e ideológicos que tiveram embasamento legal, levando, ao longo dos séculos, a uma exclusão dos judeus da sociedade cristã. (RIES, 1994, p. 284)

No contexto do final da Idade Média, se intensificaram comportamentos hostis e ofensivos contra os judeus. Entretanto, na atualidade, muitos estudiosos debatem sobre os conceitos mais adequados para referir-se a esta conjuntura: “Os usos apropriados dos

¹⁴ Tradução livre de: “[Eine Gruppe ist] eine Mehrzahl (Plural, Kollektiv) von Personen (...), die durch auf Dauer abgestellte soziale Beziehungen bestimmte Ziele und Zwecke durch Übernahme von aufeinander abgestimmten Rollen erreichen wollen”.

¹⁵ Tradução livre de: “Die Gesellschaft der spätmittelalterlichen deutschen Stadt war aufgegliedert in Schichten und in Gruppen, die zum Teil einer, zum Teil mehreren Schichten angehörten. Diese Gruppen waren wesentlich konstitutives Element des sozialen Lebens. Die Verfolgung von Sachaufgaben und Interessen war in den konstanten Gruppen untrennbar von der persönlichen Verbundenheit. Schichten, die trennen, und Gruppen, die verbinden, bestimmen die innere Struktur der spätmittelalterlichen Stadtgesellschaft.”

termos ‘antisemitismo’, ‘antijudaísmo’, ‘judeofobia’ [e seus correspondentes] ainda estão sendo disputados.”¹⁶ (ROSE, 2015, p. 241)

Deste modo, a presente pesquisa atenta às formas de integrar de maneira sistemática discussões acerca do antijudaísmo na cidade de Colônia, ao passo que se considera esta questão complexa e específica, com elementos que precisam ser aprofundados. Para tal, é de suma importância o entendimento do conceito antijudaísmo, que é diferenciado de antisemitismo por Rodrigo Laham Cohen:

Mesmo que o vocábulo antijudaísmo pode ser rastreado muitíssimo antes que antisemitismo, seu uso acadêmico não se encontra tão longe no tempo. Seu emprego permitiu, simultaneamente, limitar o alcance da ideia de antisemitismo e tornar mais complexas as possíveis explicações para a hostilidade manifestada por determinados grupos em determinadas circunstâncias históricas. Até a atualidade, de fato, a maior parte dos pesquisadores separa os âmbitos de aplicação de ambos termos claramente: antijudaísmo se reserva ao ataque ao judaísmo – e seus adeptos – enquanto que antisemitismo se aplica à hostilidade para com os judeus em base a postulados racistas, biológicos ou étnicos.¹⁷ (COHEN, 2016, p. 18)

O debate acerca dos conceitos utilizados para definir as hostilidades sofridas pelos judeus recebe grande colaboração da filósofa Hannah Arendt, que identifica uma marcante brecha na questão judaica entre o fim da Idade Média e início da Modernidade:

Esse hiato durou quase duzentos anos, do início do século XV até o fim do século XVI, quando as relações entre judeus e gentios estiveram mais frágeis do que nunca, quando a “indiferença [judaica] às condições e eventos do mundo exterior” foi mais profunda do que antes e o judaísmo se tornou um “sistema fechado de pensamento”. Foi por essa época que os judeus, sem qualquer interferência externa, começaram a pensar que “a diferença entre o povo judeu e as nações era, fundamentalmente, não de credo, mas de natureza interior”, e que a antiga dicotomia entre os judeus e gentios “provinha mais provavelmente de origem étnica do que de discordância doutrinária.” (ARENDR, 1998, p. 18)

Essa mudança de pensamento que, segundo Arendt, caracteriza-se por uma autointerpretação dos judeus, foi adotada por não-judeus apenas durante o Iluminismo.

¹⁶ Tradução livre de: “*The appropriate uses of the terms “anti-semitism”, “anti-judaism”, “Judeophobia” [...] are still disputed.*”

¹⁷ Tradução livre de: “*Si bien el vocablo antijudaísmo puede ser rastreado desde muchísimo antes que antisemitismo, su uso académico no se encuentra tan lejos en el tiempo. Su empleo permitió, a la vez, limitar el alcance de la idea de antisemitismo y complejizar las posibles explicaciones a la hostilidad manifestada por determinados grupos en determinadas circunstancias históricas. Al día de la fecha, en efecto, la mayor parte de los investigadores separa los ámbitos de aplicación de ambos términos claramente: antijudaísmo se reserva al ataque al judaísmo –y a sus adherentes– en tanto sistema religioso, mientras que antisemitismo se aplica a la hostilidad hacia los judíos en base a postulados racistas, biológicos o étnicos.*”

Portanto, o conceito de antissemitismo é muito carregado de sentidos racistas e biologicistas que foram somados posteriormente, o que dificulta sua aplicação ao período medieval. Vale salientar a necessidade da quebra de alguns paradigmas, como a ideia de um ódio persistente contra os judeus e a existência de um cenário de perseguição intermitente em todos os períodos históricos. (COHEN, 2016, p. 32)

Contudo, para o caso do termo antijudaísmo, sua aplicação para o período medieval seria aceitável, principalmente por representar as tensões relacionadas com a ruptura do cristianismo com o judaísmo e a continuidade destes na história:

Em relação a autores cristãos, entendemos, está de acordo o uso de antijudaísmo, tanto que consideramos que seu motor principal foi o conflito real entre ambos sistemas religiosos, o que vemos, principalmente, como uma necessidade intrínseca do cristianismo para explicar-se a si mesmo e tornar compreensível sua teologia.¹⁸ (COHEN, 2016, p. 32)

1.3 DISCUSSÃO CONTEXTUAL

A identificação dos judeus como povo é descrita por Schlomo Sand (2011), que desenvolve seu argumento a partir da importância da memória para este reconhecimento enquanto tal. Para tanto, segundo o autor, foi necessário “uma história multissecular coerente destinada a inculcar em todos os membros da comunidade a noção de continuidade temporal e espacial entre os ancestrais e os pais comuns.” (SAND, 2011, p. 36) Nesse contexto, se insere a propagação de mitos de origem comum, que reivindicam a ancestralidade do povo judeu através de vínculos genéticos que remontam ao exílio do Egito Antigo.

Essa noção de um “vínculo de sangue” colaborou para a propagação por não judeus, a partir da Modernidade, de ideias antissemitas, que levam em consideração que judeus são portadores de características biológicas específicas. Entretanto, Sand sustenta a “invenção do povo judeu” baseada não em argumentos étnico-biologicistas, mas sim na identificação do judaísmo como uma cultura-fé importante para a história da humanidade:

Os judeus sempre formaram comunidades religiosas importantes que surgiram e tomaram pé em diversas regiões do mundo, mas não constituem um *ethnos*

¹⁸ Tradução livre de: “*En relación a autores cristianos, es adecuado, entendemos, el uso de antijudaísmo, tanto sea que consideremos que su motor principal fue el conflicto real entre ambos sistemas religiosos, o que lo veamos, principalmente, como una necesidad intrínseca del cristianismo para explicarse a sí mismo y tornar comprensible su teología.*”

portador de uma mesma origem, única, que teria se deslocado ao longo de uma errância e de um exílio permanentes. (SAND, 2011, p. 48)

Tendo em vista a grande circulação de bens e pessoas durante a Idade Média, é de extrema importância destacar a participação e contribuição das comunidades judias para o desenvolvimento das cidades no Ocidente Medieval:

Antes do século XI, quase não se encontra traço no Ocidente de um antijudaísmo popular. Em compensação, os judeus se beneficiaram, na Europa carolíngia de uma situação privilegiada: daí a multiplicação de suas comunidades, geralmente dotadas de uma ampla autonomia. Nas modestas condições econômicas da Alta Idade Média, eles assumiram até o século XII uma boa parte do comércio internacional. Sua sorte invejável explica que conversões bastante rumorosas ao judaísmo tenham então podido produzir-se. Protegidos por títulos outorgados, os israelitas eram homens livres, falando a mesma língua que a população local, usando os mesmos trajes, autorizados a se deslocar a cavalo com armas e a prestar juramento na justiça. Estavam, portanto, praticamente integrados à sociedade local. (DELUMEAU, 1989, p. 280)

Entretanto, esta integração começa a tomar outros rumos principalmente a partir das Cruzadas, quando a situação dos judeus no Ocidente se deteriora. Entre várias outras restrições, no IV Concílio de Latrão (1215), foi ordenado que os judeus deveriam vestir-se de maneira diferente dos gentios. Estas determinações demonstram como a tensão entre judeus e cristãos tornou-se cada vez mais explícita, sendo os judeus paulatinamente degradados, empobrecidos e culpabilizados por problemas como aumento de impostos e propagação de doenças.

Em trabalho intitulado “As *Siete Partidas* e o contexto da globalização do antijudaísmo no século XIII”, Cybele Crossetti de Almeida (2017) identifica um “efeito cumulativo” nessas tensões entre cristãos e judeus por meio da propagação de mitos ao longo de três séculos: no século XII, são encontrados as primeiras acusações de assassinato ritual¹⁹, vinculado ao tabu de sangue; no século XIII, se apresenta nesse contexto a profanação da hóstia por judeus; no século XIV há acusações de envenenamento de poços.

Esses mitos acentuaram não apenas estereótipos contra os judeus e também contribuíram para a marginalização deste grupo na sociedade medieval. A partir das acusações de assassinato ritual, profanação da hóstia e envenenamento de poços tenta-se

¹⁹ Existem autores que entendem os termos “assassinato ritual” e “libelo de sangue” como fenômenos distintos. Entretanto, neste trabalho adota-se a proposta da professora da Universidade de Harvard E. M. Rose, que apresenta os dois termos como sinônimos intercambiáveis, uma vez que estes conotam a acusação do uso de sangue de crianças para propósitos medicinais e mágicos e que, às vezes, inclui também a acusação de “canibalismo ritual”, vide ROSE, E. M. *The murder of William of Norwich*. Oxford University Press: Nova Iorque, 2015.

traçar um perfil homogeneizante para os judeus com a finalidade de sugerir que suas ações colocavam em risco toda a sociedade cristã. (MORAIS, 2016, p. 5)

Nesse sentido, as narrativas cronísticas, bem como a tradição oral, desempenhavam um importante papel no que diz respeito à propagação e difusão desses mitos por diferentes territórios do continente europeu. Desta forma, o antijudaísmo generalizou-se principalmente durante os séculos XII ao XV, causando expulsões de judeus em diversos territórios europeus.

O caso do antijudaísmo em Castela foi estudado e apresentado por Cybele Crossetti de Almeida (2017), que constata no corpo normativo *Siete Partidas* de Afonso X uma definição negativa dos judeus, segundo a qual estes são caracterizados como homens que não acreditam em Cristo. Essa compilação de leis afirma que a tradição permite que os judeus coexistam entre os cristãos, contudo impõe algumas proibições sobre eles.

Esse contexto ibérico é cenário de diversos atritos entre cristãos e judeus entre os séculos XIII e XV, culminando na expulsão dos judeus da Espanha em 1492. O banimento dos judeus da Espanha se deu por meio de um Editto assinado pelos reis católicos Isabel de Castela e Fernando II de Aragão que expulsava do território espanhol qualquer judeu que não aceitasse a imediata conversão. (JOHNSON, 1995, p. 238)

O exemplo da Inglaterra é muito bem ilustrado pela *Chronica Majora* de Matthew Paris, cuja postura antijudaica teve forte influência sobre o pensamento inglês no século XIII. Sophie Menache (1997) analisa os escritos do monge e propõe uma classificação das passagens que fazem referência aos judeus da Inglaterra: a perspectiva teológica, elencando casos de sacrilégio, assassinato ritual e contínua tendência de prejudicar os cristãos; e a perspectiva político-econômica, ao considerar os judeus como um importante instrumento fiscal da política real de Henrique III.

A postura de Matthew Paris para com os judeus da Inglaterra reflete, de fato, não apenas o processo histórico real, mas é também a percepção de um observador bem informado do século XIII. Sua contribuição para a nossa compreensão sobre a situação dos anglo-judeus antes da expulsão adquire um novo significado.²⁰ (MENACHE, 1997, p. 162)

²⁰ Tradução livre de: “*Matthew Paris’s attitudes to Anglo-Jewry reflect, indeed, if not the real historical process at least it’s perception by a well-informed observer of the thirteenth century. His contribution to our understanding the status of Anglo-Jewry prior to the expulsion thus acquires a new meaning.*”

A autora revela que os escritos deste monge de St. Albans tornam-se uma valiosa fonte para a compreensão do contexto dos judeus antes da expulsão destes da Inglaterra, ocorrida em 1290. Este expurgo foi empreendido pelo rei Eduardo I, que, ao alegar que os judeus ingleses não estavam cumprindo a lei contra a usura, expulsou-os de seu território e apoderou-se de tudo que estes possuíam (JOHNSON, 1995, p. 222)

Já na cidade de Nuremberg, sentimentos antijudaicos foram fortemente expressos na Crônica de Nuremberg (*Nürnbergger Weltchronik*), de autoria de Hartmann Schedel, publicada no ano de 1493, onde encontram-se diversos trechos que fazem referências ferozes a mitos antijudaicos, como assassinato ritual e profanação da hóstia:

Embora se tratem de acontecimentos diferentes e com um espaço temporal entre os mesmos, [...] [há] uma lógica que as unem: a sugestão de um estereótipo de ameaça dos judeus aos cristãos. Este grupo não seria apenas responsável pela profanação do mais sagrado sacramento, [...] mas também pela morte de crianças cristãs inocentes por rituais e em benefício de suas crenças. Estas acusações, [...] aumentavam um quadro de tensão entre cristãos e judeus e, por, conseguinte, sugeriam uma vigilância redobrada desses últimos nesse período. (MORAIS, 2016, pp. 51-52)

Entretanto, no contexto do Sacro Império Romano-Germânico, há uma peculiaridade no poder de decisão sobre admissão ou expulsão de judeus em determinado território. A partir do século XIV, os Conselhos das cidades deliberaram sobre a questão e emitiram uma espécie de salvo-conduto²¹ com validade de geralmente dez anos, regularizando a permanência dos judeus naquele espaço:

Os salvo-condutos com seus curtos períodos de validade apresentaram-se como um instrumento que possibilitou uma política flexível à questão judaica. Nesse sentido, as cidades podiam decidir sobre o número de judeus, suas condições de moradia, a duração de seu direito de moradia e, portanto mantinha-se aberta a decisão acerca dos fatores que permitiram e facilitaram as definitivas expulsões a partir do século XV, legitimando-as legalmente.²² (RIES, 1994, p. 297)

A partir de decisões dos Conselhos das respectivas cidades, os judeus foram forçados a deixá-las conforme a tabela abaixo (TABELA 1).

Tabela 1 – Cidades e respectivo ano de expulsão dos judeus

²¹ O termo alemão para designar “salvo-conduto” é *Schutzbrief*, que é caracterizado como documento com a finalidade de proteção de um indivíduo ou grupo. Estes documentos eram emitidos, além dos Conselhos das Cidades, também por reis, imperadores, bispos ou arcebispos.

²² Tradução livre de: “*Die Schutzbriefe mit ihrer kurzen Geltungsdauer erwiesen sich seitdem als ein Instrument, das eine flexible Judenpolitik erlaubte. Auf diese Weise konnten sich die Städte die Option über die Zahl der Juden, ihre Wohnbedingungen, die Dauer ihres Wohnrechts und die Entscheidung über den aus ihnen ziehenden Nutzen offenhalten und deren endgültige Vertreibung im 15. Jahrhundert auf formal legalem Wege erleichtern.*”

CIDADE	EXPULSÃO DOS JUDEUS
Estrasburgo	1388
Eslingen	1392
Basel	1397
Praga	1400
Freiburg	1401 1424
Speyer	1405 Novamente em 1435
Trier	1418
Mainz	1420 Novamente em 1438, 1462 e 1473
Viena	1421
Berna	1427
Colônia	1349-1373 1423/4
Ravensburg	1429
Constança	1432
Zurique	1435/6
Heilbronn	1437 1467
Augsburg	1438/40
Siegburg	1440-48
Munique	1442
Erfurt	1458

Genebra	1490
Nuremberg	1499
Regensburg	1519

Fonte: BRINCKEN, 1984, p. 63.

Nesse sentido, “uma expulsão provocava a outra, à medida que refugiados invadiam cidades que já abrigavam mais judeus do que o queriam seus governantes.” (JOHNSON, 1995, p. 239) Isso comprova que as expulsões das cidades se davam de forma fragmentada, o que reflete diretamente a fragmentação política existente na conjuntura do Sacro Império Romano-Germânico.

CAPÍTULO 2: A SANTA COLÔNIA, OS JUDEUS E A KOELHOFFSCHE CHRONIK

Neste capítulo são apresentados alguns aspectos da história da cidade de Colônia para a compreensão da situação dos judeus neste espaço. Assim sendo, pensa-se na estrutura urbana de Colônia, salientando a condição de cidade livre e entendendo as relações de seu Arcebispado com o Sacro Império Romano Germânico, uma vez que o arcebispo de Colônia era um dos eleitores. Vale ressaltar a cidade como referência para o Ocidente Medieval, sendo este um dos maiores centros urbanos ao norte dos Alpes naquele período.

Inserido nesse contexto, é feita ainda uma análise do caso dos judeus como grupo social urbano durante a Idade Média Tardia no Império e, mais especificamente, em Colônia. São trabalhados aspectos como a ocupação judaica da Renânia e a estruturação das comunidades judaicas em lugares onde acontece a paulatina propagação de sentimentos e mitos antijudaicos, exemplificados pela iconografia da *Judensau* (porca judia), recorrente em diversos territórios e, inclusive, em Colônia.

É apresentado o contexto da fonte primária utilizada nesta investigação. Para tanto, há preocupação com o debate acerca da utilização de fontes cronísticas urbanas como fonte histórica, bem como com a diferenciação entre as categorias crônica universal e crônica regional. Nesse contexto será inserida a *Koelhoffsche Chronik* e questões como a contextualização histórica da produção desse documento, levando em consideração quem foi responsável por redigir e publicar a obra. Por fim, é apontada a falha econômica que levou seu editor à falência e o contraste da importância deste documento como fonte de pesquisa.

2.1 ASPECTOS DA HISTÓRIA DA CIDADE DE COLÔNIA

Eberhard Isenmann, um dos autores mais competentes nos estudos sobre as cidades medievais na Alemanha, caracteriza Colônia do século XV como um exemplo de direito e autonomia. O autor analisa um registro que elenca cinco fatores que todos os colonienses do século XV deveriam conhecer, sendo eles:

1. Colônia é uma cidade sagrada por causa dos corpos, santuários e ossos dos santos que são mantidos na cidade. Refere-se aqui, sobretudo, às relíquias dos Três Reis Magos e de Santa Úrsula.
2. Colônia é uma cidade imperial, mas isso

significa inicialmente apenas uma cidade pertencente ao império, e não uma cidade episcopal. 3. Colônia é uma cidade com Direito (de direitos), porque todos devem ser autorizados a vivenciar o seu direito. 4. Colônia é uma cidade livre, porque não deve obrigar nem forçar ninguém, exceto por direito, ou seja, por meios legais ou judiciais. 5. Colônia é uma cidade de bons costumes, isto é, bons hábitos legais e direitos consuetudinários, e estes devem estar em harmonia com os direitos (gerais) espirituais e mundanos.²³ (ISENMANN, 2014, pp. 34-35)

Ao nos referirmos à santidade da cidade de Colônia, é importante levarmos em consideração que desde a primeira metade do século XI a cidade passou a ser chamada oficialmente de “*Sancta Colonia Dei Gratia Romanae Ecclesiae Fidelis Filia*” (Santa Colônia pela graça de Deus, filha fiel da Igreja Romana). (LOHBERG, 2010, pp. 55-56) Além de Colônia ser a maior cidade germânica do período, isso foi motivado também pelo fato da cidade ter-se tornado um centro de peregrinação cristã no ocidente medieval:

Estes peregrinos interessavam-se, sobretudo, pelos restos mortais dos Três Reis Magos, levados no século V de Constantinopla para Milão, e, em 1164, trazidas para Colônia pelo Arcebispo Rainald von Dassel. Em 1180, estas relíquias receberam como jazigo um precioso baú.²⁴ (LOHBERG, 2010, p. 56)

Foi decidido em 1248 construir uma nova catedral para a cidade com a finalidade de acomodar esta relíquia, uma vez que a antiga se tornou pequena para receber todos os peregrinos que se deslocavam até Colônia. Portanto, é importante ressaltar a forte presença da religiosidade católica na cidade, uma vez que o primeiro bispo de Colônia documentado é do século V e desde o século IX, por determinação de Carlos Magno, a cidade é sede de uma arquidiocese que futuramente concederia ao arcebispo de Colônia a função/honraria de um dos príncipes eleitores do Sacro-Império. (LOHBERG, 2010, pp. 55-56)

As cidades episcopais eram aquelas que haviam se tornado sede de uma arquidiocese e que tivessem, portanto, uma catedral. Isenmann (2014) caracteriza como

²³ Tradução livre de: “1. Köln ist eine heilige Stadt wegen der Körper, Heiltümer und Gebeine der Heiligen, die in der Stadt aufbewahrt sind. Gemeint sind vor allem die Reliquien der Heiligen Drei Könige und der hl. Ursula. 2. Köln ist eine Reichsstadt, d. h. aber zunächst nur eine Stadt des Reichs, und keine bischöfliche Stadt. 3. Köln ist eine Stadt des Rechts (von rechten), weil man in ihr jedermann sein Recht widerfahren lassen soll. 4. Köln ist eine freie Stadt, weil man niemanden zwingen und beschweren soll außer mit Recht, d. h. auf rechlichem, gerichtlichem Wege. 5. Köln ist eine Stadt guter Gewohnheiten, d.h. guter Rechtsgewohnheiten oder Gewohnheitsrechte, und diese sollen mit den (allgemeinen) geistlichen undweltlichen Rechten in Einklang sein.”

²⁴ Tradução livre de: “Diese Pilger interresierten sich vor allem für die Gebeine der Heiligen Drei Könige, die im 4. Jahrhundert [...] von Konstantinopel nach Mailand gekommen waren und 1164 vom Kölner Erzbischof Rainald von Dassel nach Köln gebracht wurden. Um 1180 bekam sie als Grab einen kostbaren Schrein.”

cidade episcopal aquela com tradição romana onde o arcebispo era o “senhor da cidade e possuía o poderio espiritual e jurídico e concentrava, assim, todos os poderes mundanos unidos.”²⁵ (p. 287) No entanto, Colônia era uma das

idades episcopais que se emanciparam do domínio episcopal, podendo ser chamadas de cidades livres, porque não possuíam ou não reconheciam o domínio de um senhor na cidade, pertencendo diretamente ao Império, entretanto, sendo apenas parcialmente subordinados ao Imperador e ao Império.²⁶ (ISENMANN, 2014, p. 289)

Em algumas cidades, o processo de transição para “cidade livre” aconteceu a partir de etapas dramáticas, havendo inclusive conflitos militares. Este foi também o caso de Colônia, quando o conflito inicia com uma revolta contra o arcebispo Anno II (1074) e perdura até as batalhas acontecidas no Ulrepforte²⁷ (1268) e Worringen (1268), quando o arcebispo Engelberg von Falkenburg age para recuperar o poderio na cidade. (ISENMANN, 2014, p. 290)

Em 1288, a cidade de Colônia engajou-se com a proclamação de uma coalisão territorial e política no baixo Reno, contra a vontade do arcebispo Johann von Barbant, que foi aprisionado por contrapor-se, dentre outros fatores. Em razão disso foi imposto um interdito sobre Colônia, que seria retirado após pagamento de uma penitência em dinheiro ao papado, mediante os arcebispados de Mainz e Trier. (ISENMANN, 2014, p. 290)

O arcebispo sucessor, Wilkbold von Holte, após um acordo com a cidade, revou o interdito em 1298, confirmando os privilégios de Colônia, uma vez que o hábito dos colonienses fazerem juramento de fidelidade como “cidadãos livres de Colônia” ao “seu senhor” arcebispo, prometendo a ele lealdade se tornou comum até o século XV.²⁸ (ISENMANN, 2014, p. 290)

Dessa maneira, Colônia firmou-se como cidade livre no Sacro Império Romano-Germânico e, ao mesmo tempo, não era realmente um cidade imperial, já que a cidade

²⁵ Tradução livre de: *“Die Besonderheit der Bischofsstadt besteht darin, dass ihr Stadtherr die geistliche Jurisdiktionsgewalt und die weltliche Herrschaftsgewalt miteinander vereinigte.”*

²⁶ Tradução livre de: *“Als Bischofsstädte, die sich weitgehend von der bischöflichen Stadtherrschaft emanzipiert hatten, konnten sich die Freien Städte frei nennen, weil sie keinen unmittelbaren Stadtherrn über sich hatten oder anerkannten, unmittelbar dem Reich zugehörten, aber nach ihrer Auffassung König und Reich nur eingeschränkt verpflichtet waren.”*

²⁷ O Ulrepforte é uma construção do início do século XIII que integra uma torre e um portão com parte da muralha medieval da cidade de Colônia.

²⁸ Tradução livre de: *“Erst der nachfolgende Erzbischof Wikbold von Holte hob 1298 nach einem Vergleich mit der Stadt das Interdikt auf und bestätigte die Kölner Privilegien, während die Kölner in einem noch im 15. Jahrhundert üblichen Huldigungseid "als freie Bürger von Köln" dem Erzbischof "als ihrem Herrn" Treue gelobten.”*

não cumpria com pré-requisitos como o de pagar impostos anuais ao imperador. Portanto, conclui-se que Colônia não pode ser considerada na Idade Média Tardia uma cidade imperial, mas sim uma cidade livre no Império. (ISENMANN, 2014, p. 295) Assim sendo, uma cidade livre é caracterizada por Isenmann (2014) como locais onde o Império é reconhecido, todavia, o imperador, que não era o Senhor da cidade, recebia a devida honraria.

Ademais, além do arcebispo, havia outras instituições e cargos que regulavam o governo da cidade livre. Segundo a *Verbundenbrief*, também conhecida como a Constituição de 1396, as eleições para esses cargos funcionavam da seguinte maneira:

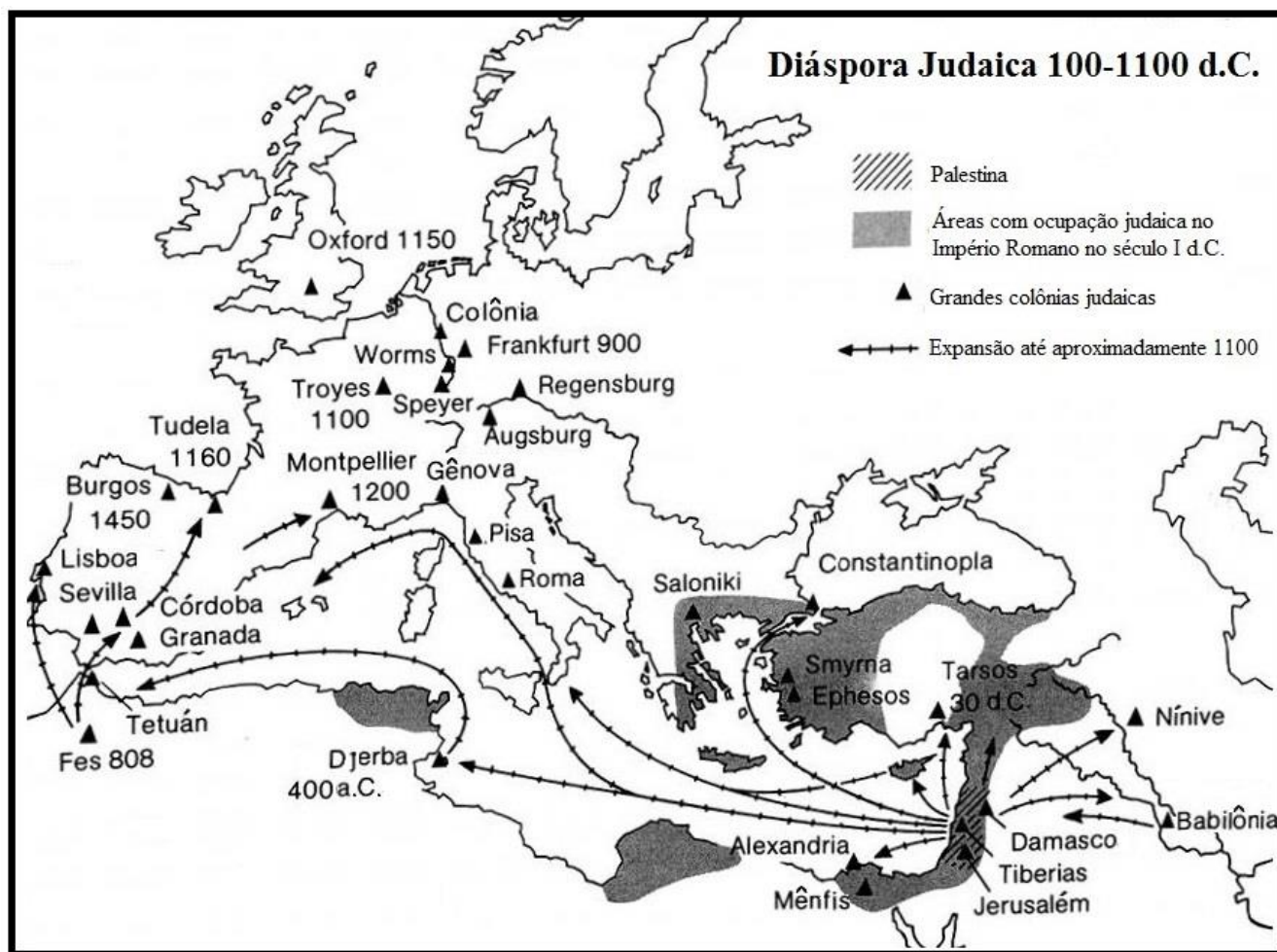
Cargos como os de membro do conselho da cidade, prefeito etc. eram eletivos com um mandato de um ano, com a proibição explícita de reeleição nos dois anos seguintes. Como esses cargos eram em parte eletivos e em parte preenchidos segundo um critério de cooptação política – isto é, eleitos pelos próprios membros do conselho, no qual o grupo dos artesãos era majoritário – não seria uma decisão sábia, do ponto de vista político, que o grupo dirigente se distanciasse demasiado da sua “base” de eleitores e clientes. (ALMEIDA, 2000, p. 299)

Com isso, é possível situar Colônia política, econômica, social e religiosamente como uma das mais importantes cidades do Sacro Império no contexto da Idade Média Tardia, o que é de extrema importância para a compreensão do panorama vivido pelos judeus daquela região.

2.2 OS JUDEUS NA ALEMANHA E EM COLÔNIA NA IDADE MÉDIA TARDIA

A ocupação da Europa por comunidades judaicas remonta os primeiros séculos da Era Comum, quando estes emigraram da Palestina em direção ao continente europeu e começaram a fixar comunidades em diversas cidades. Esta Diáspora Judaica (GIDEL, 1997, pp. 22-23) estendeu-se até o século XII e, no contexto germânico concentrou-se especialmente em cidades renanas, paralelamente ao processo de urbanização comunal (RIES, 1994, p. 295). A expansão judaica pela Europa entre os anos de 100 e 1100 pode ser observada no mapa abaixo:

Figura 1 – Mapa da expansão das comunidades judias entre 100 e 1100 d.C.



Fonte: GIDAL, 1997, p. 25 (Adaptado, tradução livre)

Nesse contexto, a historiadora alemã Rotraud Ries (1994) classifica as normas que determinavam a relação entre judeus e cristãos em três níveis:

A Igreja definiu na teologia cristã a posição inferior dos judeus na sociedade (nível ideológico). A soberania mundana fez-se a partir da dada necessidade de regulamentação dessas ideias e criou uma relação jurídica com os judeus, diferenciando estes dos demais súditos. (nível da soberania). Finalmente, sob a influência dessas normas eclesiásticas e seculares, bem como da estranheza do grupo, desenvolveram-se atitudes e comportamentos específicos em relação aos judeus a partir do cotidiano de indivíduos ou grupos (nível da interação).²⁹ (RIES, 1994, p. 285)

²⁹ Tradução livre de: “Die Kirche definierte in der christlichen Theologie die gesellschaftliche Minderstellung der Juden (ideologische Ebene). Die weltliche Herrschaft machte sich im Rahmen des politisch gegebenen Regelungsbedarfs diese Vorstellungen zueigen und schuf ein Rechtsverhältnis zu den Juden, das von dem zu anderen Untertanen abwich (Herrschaftsebene). Schließlich bildeten sich unter dem Einfluss dieser kirchlichen und weltlichen Normvorgaben sowie der Gruppenfremdheit auch im alltäglichen Verhalten von Einzelnen oder Gruppen spezifische Einstellungen und Verhaltensweisen gegenüber den Juden aus (Interaktionsebene).“

No medievo urbano, os judeus frequentemente se ocupavam de manufaturas ou lidavam com atividades financeiras. Isso concernia, por exemplo, no recolhimento e na cobrança de impostos pelos judeus para o Imperador, sendo que seguidamente os valores eram alterados nas negociações em detrimento da repartição do contingente total entre si, de acordo com a produtividade de cada um. (ISENMANN, 2014, p. 156) Vale ressaltar que muitos judeus também se ocupavam com atividades financeiras e empréstimos, vivendo, portanto, dos juros. Isso posto, Ries (1994) salienta que com o reconhecimento da proibição da prática da usura como direito do costume, as tensões entre cristãos e judeus também se intensificaram por motivos econômicos.

Além disso, outra prática vinculada com os judeus era a medicina. Considerando a fronteira existente entre a medicina “teórica” e a medicina “prática” durante o período medieval, Cybele Crossetti de Almeida (2009) verifica que os judeus - assim como as mulheres - eram fortemente relacionados à medicina prática. Aliados da formação universitária e do sistema formal de aprendizado, estes grupos desempenhavam funções importantes – e reconhecidas –, no que diz respeito ao cuidado da saúde da população. Entretanto, esta prática da medicina misturava-se com credices e práticas mágicas e supersticiosas, o que, juntamente do tabu do sangue (vinculado a sacrifícios de sangue e uso ritual do mesmo), colaborou para o processo de estigmatização deste grupo na sociedade medieval. (p. 37)

Os mitos sobre os judeus se popularizaram cada vez mais, gerando hostilidades e sentimentos agressivos principalmente a partir do século XII. Este antijudaísmo medieval possui seu ápice na segunda metade do século XIV e no século XV, quando acontecem as expulsões dos judeus de diversas cidades do Sacro Império³⁰, relacionadas principalmente com a propagação da Peste Negra. A partir das expulsões, os judeus emigraram para os territórios menos desenvolvidos, a leste, primeiramente para a Áustria, Boêmia, Morávia, Silésia e, posteriormente, para a Polônia, para Varsóvia e Cracóvia, Lwow, Brest-Litowskz e Lituânia (JOHNSON, 1995, p. 240)

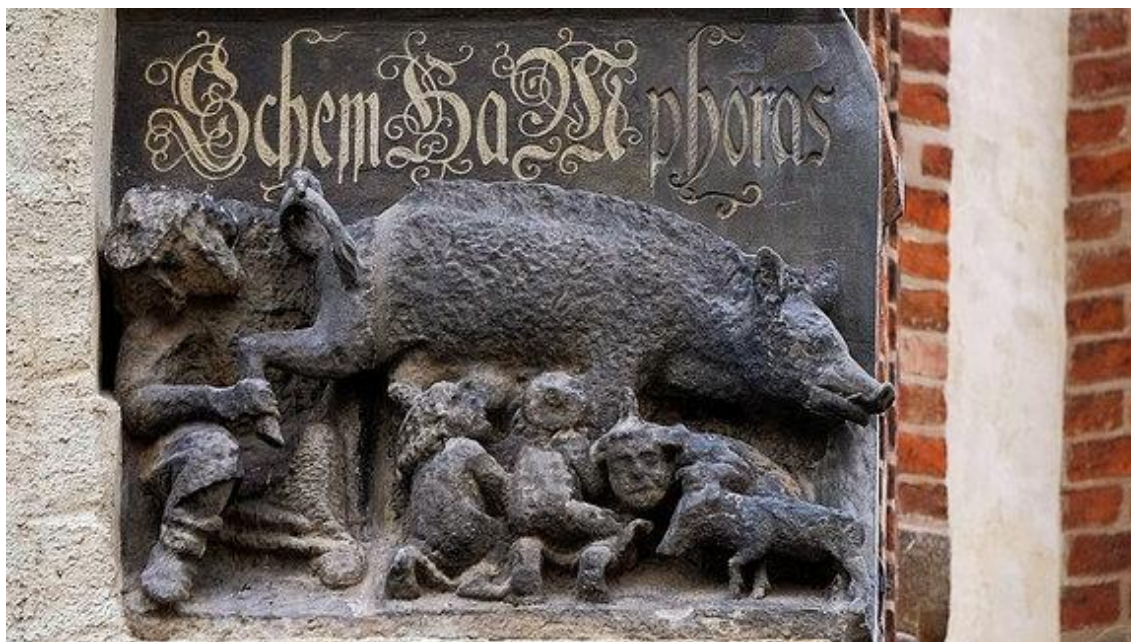
No fim da Idade Média europeia os judeus haviam cessado de prestar uma contribuição primordial à economia e à cultura europeias, pelo menos pelo momento. Eles haviam se tornado dispensáveis e, em consequência, estavam sendo postos para fora. (JOHNSON, 1995, p. 239) Os judeus eram paulatinamente degradados,

³⁰ Lembrando que os judeus já haviam sido expulsos da Inglaterra no século XIII e da França no século XIV.

empobrecidos e culpabilizados por problemas como aumento de impostos e propagação de doenças.

No Sacro Império Romano-Germânico, em particular, começou a ser desenvolvida uma iconografia repulsiva – a *Judensau* (porca judia). Vale lembrar a importância das imagens no espírito medieval e o conflito entre judeus e cristãos teve especial repercussão a partir desta iconografia, por exemplo, em paredes de catedrais. Um desses temas parece ser limitado quase que exclusivamente ao contexto influenciado pela cultura germânica, onde o motivo da porca relacionada ao judeu tornou-se um dos mais duradouros e poderosos estereótipos injuriosos. (JOHNSON, 1995, p. 240)

Figura 2 - Escultura em arenito com gravuras da *Judensau* na igreja de Wittenberg, século XIV.



Fonte: Portal da *Mitteldeutscher Rundfunk* na Internet.³¹

As representações da *Judensau* assumiram uma grande variedade de formas repulsivas, principalmente por apresentar os judeus venerando a porca, mamando em suas tetas, beijando as suas partes traseiras, devorando-lhe excremento. (JOHNSON, 1995, p. 240) Isso fica claro na imagem acima (FIGURA 2).

Além desta comparação conferir uma bestialização do grupo em questão, também se caracteriza como uma ofensa aos seus costumes e suas crenças, já que os judeus não comem carne de porco por uma interdição presente em

³¹ Disponível em: <https://www.mdr.de/nachrichten/politik/inland/streit-um-judensau-luthersau-in-wittenberg-und-anderswo-pro-kontra-100.html> (último acesso em: 07/12/2017)

Levítico 11,7. [...] A amamentação dos judeus pela porca pode sugerir um vínculo de maternidade entre o animal e este grupo, sendo mais um reforço da alteridade entre esta minoria e os cristãos. (MORAIS, 2016, pp. 40-41)

Inserida no panorama apresentado, Colônia medieval possuía a mais antiga e maior comunidade judaica da Alemanha (BÖNISCH, 1977, p. 10). Da Antiguidade Tardia até o século XI, não são encontrados registros sobre os judeus em Colônia, sendo que as primeiras referências aos judeus na cidade são de 1012, quando o Arcebispo de Colônia Heribert permite aos judeus da cidade a construção de uma sinagoga, contudo os pesquisadores não entram em consenso quanto à datação da construção da sinagoga. (SCHMANDT, 2002, p. 1)

Já o bairro judeu é mencionado pela primeira vez durante a regência do Arcebispo Anno II (1056-1075). Entretanto, em 1106, o crescimento do bairro judeu (FIGURA 3) em Colônia estava tão acelerado que seus habitantes ficaram responsáveis por salvar uma das torres do muro da cidade. Esse grande crescimento do bairro judeu estendeu-se até o final do século XII. Foi permitida novamente a expansão do bairro judeu apenas no século XIV, a partir de aprovação do Concelho da Cidade (BÖNISCH, 1977, p. 10).

Figura 3 – Quarteirão da Prefeitura e da Catedral de Colônia. A *Judengasse* (alameda dos judeus) e o bairro judeu estão apontados com uma Estrela de Davi. Plano de Arnold Mercator, 1571.



Fonte: GIDAL, 1997, p. 58.³²

Em Colônia, os judeus desempenhavam diversas funções profissionais, com destaque para o comércio. Neste espaço, os judeus assumiam negócios desde o comércio de vinho, de ouro e de prata até o câmbio monetário. Ademais, na cidade, os judeus também possuíam papel importante na questão da medicina e como emprestadores de dinheiro. Isso permitiu que o grupo pudesse acumular riquezas, colaborando com o antijudaísmo crescente a partir do século XIV (BÖNISCH, 1977, p. 14)

Principalmente no século XIV os atritos entre judeus e cristãos intensificaram-se, como Ennen (1977) destaca:

O Conselho de Colônia teve dificuldade para conter esse ódio popular, a fim de evitar terríveis perseguições. Os cidadãos repetidamente se recusavam a vender comida e bebida aos judeus nos feriados públicos. O Conselho julgou necessário ordenar, sob severo castigo, que aos judeus, bem como aos cristãos, fosse vendido o alimento necessário nas feiras.³³ (ENNEN *apud* BÖNISCH, 1977, p. 14)

Mesmo com estas medidas, as hostilidades em Colônia não cessaram, exemplificadas por invasões e saques a casas de judeus. Para evitar esse tipo de violência, foi decidido fechar o bairro judeu com portões de madeira, a custo de seus moradores. Além disso, uma determinação do Conselho da cidade submeteu os judeus a murarem todas as portas de suas casas que eventualmente dessem acesso a uma casa de uma família cristã. (BÖNISCH, 1977, p. 14)

Nesse contexto, as facetas do antijudaísmo medieval tomam conta de Colônia, onde começam a surgir relatos de envenenamento de poços e fontes d'água por judeus, a partir do século XIV, além de difundir a culpabilização destes pela propagação da Peste Negra. (BÖNISCH, 1977, p. 14) Somando à esta conjuntura, aparecem na catedral de Colônia iconografias da *Judensau*, injuriando os judeus e colaborando com o alastramento de estereótipos. (FIGURA 4)

³² Imagem disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c9/Rathausplatz_und_Umfeld_1571.jpg (último acesso em 07/12/2018).

³³ Tradução livre de: “*Der Kölner Magistrat hatte alle Mühe, diesen Volkshaß zu zügeln um eine neue Erneuerung der grausigen Vervolgungen zu verhüten. Wiederholt weigerten sich die Bürger, den Juden an Feiertage Speise und Trank zu verkaufen. Der Rat sah sich benötigt, unter strenger Strafe zu befehlen, daß den Juden an ihren Feiertagen ebenso wie jedem Christenmenschen die nötigen Lebensmittel verkauft werden müßten.*”

Figura 4 - Representação da *Judensau* na catedral de Colônia, detalhe em madeira na bancada do coro, de 1310.



Fonte: página da Catedral de Colônia na Internet.³⁴

A iconografia acima (FIGURA 4) é descrita pelo historiador da arte da catedral de Colônia, Dr. Marc Steinmann como um testemunho flagrante do antijudaísmo medieval da cidade. Além da difamação de judeus por estarem lidando com porcos, impuros de acordo com a própria cultura judaica, também há a acusação de assassinato ritual de crianças cristãs.

O ódio que havia sido construído sobre os judeus no Sacro Império e em Colônia desencadearam a aprovação pelo Conselho de Colônia da expulsão dos judeus da cidade, em 1423. Foi dado um prazo até 1424 para que este grupo deixasse a cidade, uma vez que neste ano não foi renovado pelo Arcebispo o salvo-conduto que permitia sua permanência na cidade. (WENNIGER, 1984, p. 29)

É importante ressaltar o protagonismo da imprensa enquanto difusora dessas imagens e lendas injuriosas dos judeus a partir do século XV. A invenção da imprensa proliferou rapidamente e tornou ubíqua no Sacro Império. (JOHNSON, 1995, p. 241) Pode-se pensar neste panorama também o incunábulo ilustrado *Koelhoffsche Chronik*.

³⁴ Disponível em: <https://www.koelner-dom.de/rundgang/ausstattung/wange-nc-westen-judensau/info/> (último acesso em 26/07/2017).

2.3 A KOELHOFFSCHE CHRONIK COMO FONTE HISTÓRICA E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

“Com o início da ciência histórica no século XX para novas perguntas histórico-sociais e culturais às fontes, mudou também a avaliação da escrita da história da Idade Média e, com isso, também a forma de interpretar as crônicas urbanas.”³⁵ (WEBER, 1984, p. 21) A partir de então, as próprias obras cronísticas tornam-se importantes, com análise de sua função social, recepção, popularidade e autoria. (NEDDERMEYER, 2001, p. 25) Nessa conjuntura, pode ser pensada também a Crônica de Koelhoff.

Meier (1998) caracteriza as crônicas urbanas como relatos produzidos em determinada cidade e que tratam de assuntos relacionados à mesma. Com isso, o autor chama atenção para a existência de uma organização social independente nas cidades, pela qual se fazia necessária uma historiografia regional. (p. 17) Assim sendo, a Koelhoffsche Chronik apresenta-se, portanto, como uma crônica urbana, que se diferencia de uma crônica universal, ao passo que se preocupa com dois pressupostos básicos para enquadrar-se como tal: as noções de “cidade” e de “cidadão”. (MEIER, 1998, p. 19)

O autor do incunábulo ilustrado da Koelhoffsche Chronik deixa claro logo no início de sua obra o recorte geográfico que ele adota, entendendo a cidade de Colônia como central para sua obra e também no contexto germânico da época:

E assim a venerável sagrada cidade de Colônia é chamada de metrópole e principal cidade de todas as terras alemãs [...] então eu quero escrever especialmente sobre seu início e origem, e meio, até estes tempos [...] e tudo que foi publicado, de imperador a imperador, letra por letra.³⁶ (KOELHOFF, Chronik *apud* HEGEL, 1876, p. 257)

A chamada “*Koelhoffsche Chronik*”, estabelecida como importante material cronístico acerca de Colônia, é considerada uma das obras mais ricas em conteúdo sobre a cidade de Colônia, pois consiste na compilação dos anuários dos séculos XIV e XV. A denominação oficial destas crônicas é “*Die Cronica van der Hilliger Stat van*

³⁵ Tradução livre de: “*Mit der Öffnung der Fachhistorie im 20. Jahrhundert für neuere Sozial- und kulturgeschichtliche Fragen an die Quellen änderte sich auch die Beurteilung der Geschichtsschreibung des Mittelalters und damit auch der Städtechronik.*”

³⁶ Tradução livre de: “*Und want die hochwirdige hillighe stat Coellen metropolis ind die heuftstat genant is van gantzen duitschen lande [...] so wil ich in sunderheit van irem beginne und oirsprung unde middel bis zo disser zit schreven [...] al dat ergangenen is van keiser zo keiser ind van eime buschove zo dem andern.*”

Coellen” (Crônica da sagrada cidade de Colônia), na qual consta explicitamente, portanto, o nome de Colônia e pretende ser a história da cidade em questão. (BRINCKEN, 1984, p. 67)

O autor expõe explicitamente que deseja escrever a história *magistra vitae* da cidade de Colônia já na introdução de sua obra, apresentando ainda a importância do passado e dos cidadãos ao entoar a seguinte pergunta retórica: (NEDDERMEYER, 2001, p. 22)

Diga-me, quais cidadãos da região de uma cidade podem renunciar, depois de ouvirem que os moradores do mesmo lugar dedicavam-se antigamente pessoal e realmente para manter junto consigo seu Deus e proteger suas terras em vida e na boa vontade de Deus, definido seu lugar certo, pertencendo e protegendo seu direito e liberdades? Isto então é o que deveriam ser todos, que não levam isso para o coração, e ser colocado no topo, provando a si mesmo como ser um cidadão fiel não é tão óbvio.³⁷ (KOELHOFF, *Chronik apud HEGEL*, 1876, p. 254)

A obra foi escrita em Baixo Renano (*Niederrheinisch*), dialeto do Baixo-Alemão médio (*Mittelniederdeutsch*) (KOSEGARTEN, 1846, p. 352). Com isso, o autor demonstra que está ciente da contribuição cultural de seu trabalho, dado que, no período de sua publicação, as obras escritas em vernáculo não eram muito difundidas nessa região, além de poucos indivíduos terem acesso ao letramento latino: (NEDDERMEYER, 2001, p. 27)

E como crônicas latinas, cujas narrativas e histórias são úteis e curiosas para ler e escutar, são escritas para os homens estudiosos, também vários outros leigos que são homens razoáveis, mas que não leem latim, também gostariam de ler sobre essas coisas, como os eruditos.³⁸ (KOELHOFF, *Chronik apud HEGEL*, 1876, p. 256)

A “*Koelhoffsche Chronik*” teve apenas uma edição e ficou conhecida com este nome devido ao editor, Johann Koelhoff der Jüngere, que foi à ruína financeira após a publicação desta crônica, provavelmente ocasionada pelo fato do círculo de leitores de Colônia ser muito restrito na época de sua publicação, em 1499, (BRINCKEN, 1984, p. 67) Neddermeyer (2001) salienta que o editor teve o infortúnio de publicar a obra no

³⁷ Tradução livre de: “*Sage mir, welcher ingesessen of burger van einiger gegen of stede sulde cleinmodich und verzait sin, nadem als he hoerte dat die inwohner der selber plaetzen wonunge vurmals sich menlich und koenlich vur dat gemain goit un ir lande zo behalden mit lif und goit guitwillich unde eindrechtich gesazt hetten, dat zo behalden un so beschermen und ire gerechticheit und vriheiden? Dat dan einer van in allen sin suld, der dat niet zo hertzen neme und drunge vur mit den eirsten an die spitze, sich nemlich als einen getruwen burger zo bewisen, is niet wail zo geleuven.*”

³⁸ Tradução livre de: “*ind al is dat vil latinscher croniken van den vernoempsten und genoichlichsten historien die uns nutzlich ind lustlich sin zo horen und zo lesen, ind dat vil latinscher croniken geschreven sin vur die latinscher ind geleirde man, so vint men doch ouch etzliche cloicke vernunftige leien, die ghein latin verstain ind lesent also gern van sulchen dingen ind geschichten als die gelerden.*”

momento em que o interesse por títulos em Baixo-Alemão estava em absoluta decadência (p.135). O autor aponta que essa “falha de cálculo“ se deu porque as fronteiras linguísticas estavam se solidificando quando da publicação dos relatos (p.132).

Além disso,

(...) Geralmente, a impressão de crônicas no final da Idade Média era o resultado de planejamento cuidadoso, trabalho em equipe e, acima de tudo, cálculos econômicos. Com a impressão da crônica de Colônia de 1499, sucedeu-se uma história bastante diferente. Ela foi o trabalho de um estranho entre os editores de Colônia e, principalmente, entre os impressores de incunábulo de seu tempo, e o mais impressionante é que foi exclusivamente o trabalho desse estranho, que mesmo fora desse contexto editorial tinha apenas um parceiro real, o intelectual e desconhecido autor, um dominicano anônimo ou, mais provavelmente, um agostiniano.³⁹ (FINGER, 2001, p. 121)

A autoria destes relatos é até hoje desconhecida e desconfia-se que o autor teve motivos para ocultar sua autoria. Entretanto, Anna-Dorothee von den Brincken (1984) salienta que pesquisas mais recentes apontam a possibilidade de autoria no mosteiro dos eremitas-agostinianos (p. 67). Ademais, não se sabe exatamente quando foram escritos, mas concorda-se que foi após a Peste Negra, na segunda metade do século XIV.

Isso posto, vale ressaltar que a anônima Crônica de Koelhoff, tornou-se valorizada como fonte primária para pesquisa histórica da cidade de Colônia e é, portanto, um registro de sua época. Mesmo causando a bancarrota de seu editor, a obra é considerada por Finger (2001) “um erro de cálculo bem sucedido”, já que é de grande valia seu legado aos historiadores como uma notória fonte para pesquisa. (FINGER, 2001, p. 121)

³⁹ Tradução livre de: *“Normalerweise war die Drucklegung von Chroniken am Ende des Mittelalters das Ergebnis von sorgfältiger Planung, von Teamarbeit und vor allem von wirtschaftlicher Kalkulation. Ganz anders stellte sich der Drucklegung der Kölner Chronik von 1499 dar. Sie war das Werk eines Außenseiters unter der Kölner Druckern seiner Zeit und unter den Inkunabeldruckern überhaupt, und das Erstaunlichste ist, sie war ausschließlich das Werk dieses Außenseiters, der auch außerhalb seiner Druckerei nur einen wirklichen Partner hatte, den uns unbekannt geistigen Urheber, einen anonymen Dominikaner oder fast noch wahrscheinlicher Augustiner.“*

CAPÍTULO 3: OS JUDEUS NA KOELHOFFSCHE CHRONIK

Neste capítulo serão apresentados as menções aos judeus ao longo da *Cronica van der hilliger stat van Coellen*, inserindo-as à conjuntura em que esta foi escrita. São propostas reflexões sobre a intencionalidade do autor em mencionar (ou omitir) os judeus nas passagens selecionadas, atentando às características do momento histórico de Colônia na época da produção do documento.

Pensa-se também a Crônica de Koelhoff a partir da proposta apresentada por Anna Dorothee von den Brincken (1984), que defende a divisão dos judeus na crônica entre judeus da Antiguidade e judeus do período medieval. Nesse sentido, nota-se que há distinção na maneira como estes dois grupos são apresentados nos relatos.

Por fim, são elaboradas considerações sobre as expulsões deste grupo da cidade de Colônia a partir do que está exposto no material cronístico acerca destes episódios de perda de liberdade. Com isso, tenta-se localizar o antijudaísmo difundido em diversos territórios, especificamente em uma das cidades mais significativas do Ocidente Medieval, a partir dos registros de um cronista anônimo do século XV.

3.1 OS “JOEDEN” NA CRÔNICA DE KOELHOFF

O autor das Crônicas de Koelhoff menciona diversas vezes em seu texto o termo “*Joeden*” ou “*Jueden*” (judeu). Anna Dorothee von den Brincken (1984) faz uma divisão destas menções em duas categorias: aquelas que tratam dos judeus da Antiguidade e aquelas que fazem referência aos judeus medievais. Nesse sentido, a autora destaca também que devem ser levadas em consideração apenas as menções nas quais os judeus são retratados como povo. (p. 69)

As menções dos judeus na Antiguidade tratam detalhadamente das suas histórias no Velho Testamento, sobre seus juízes e reis e com constantes comparações destas passagens e Colônia. Estas alusões são feitas em diversos momentos, desde Adão e Eva até a submissão dos judeus frente ao Império Romano, conferindo aos judeus a identidade de povo do veteroestamentário. (BRINCKEN, 1984, p. 69)

Percebe-se já na introdução da obra que o cronista se preocupa em legitimar a ancestralidade da cidade de Colônia a partir das histórias da Antiguidade e dá a elas suma importância para a compreensão do período em que escreve:

Percebendo a grande seriedade que é escrever histórias e história entre os Judeus, Gregos e Romanos [...], que escreveram as coisas que aconteceram em seus dias, seria errado e temporário que as coisas, que acontecem em nossos dias, fossem esquecidas e perdidas para sempre.⁴⁰ (KOELHOFF, *Chronik apud* HEGEL, 1876, p. 255)

Vale ressaltar que não se nota presença de antijudaísmo nestas passagens referentes ao tempo antigo, nem são expressos estereótipos em relação aos judeus ou à cultura judaica, já que se referem aos judeus que viveram na época de Jesus ou em períodos anteriores. Todavia, este panorama não é o objeto de estudo desta pesquisa, uma vez que neste trabalho pretende-se focar na análise especificamente os judeus medievais nas Crônicas.

As citações de judeus nas Crônicas de Colônia instigam a pensar que no medievo considerava-se que este grupo não teria mais uma função importante para a história cristã ocidental, já que são raramente mencionados. Nos relatos referentes ao século XIII, os judeus medievais aparecem apenas uma vez enquanto grupo coexistente da cristandade medieval, em um trecho que conta que o arcebispo Dietrich construiu em 1209 a fortaleza de Godesberg utilizando-se de dinheiro de judeus:

o mesmo arcebispo pegou um judeu e conseguiu grande tesouro, para que com isso pudesse mandar construir Godesberg no ano 1209.⁴¹ (KOELHOFF, *Chronik apud* HEGEL, 1876, p. 532)

Esta passagem confirma que as práticas profissionais geralmente executadas por judeus em Colônia naquele período permitiam um relativo acúmulo de riquezas.

Nesse sentido, além da menção acima trazida, os judeus medievais são retratados na obra seis vezes durante o século XIV e, no século XV, aparecem apenas três vezes vinculados à cidade de Colônia. Dentre as menções aos judeus medievais na Crônica, que contabilizam um total de dez, duas delas chamam mais atenção, porque tratam de episódios de perda de liberdade deste grupo na cidade. Uma dessas passagens refere-se ao século XIV e a outra ao século XV.

⁴⁰ Tradução livre de: *“Angemirkt die groisse ernsticheit, die historien und geschicht anzuschriuen under den Jueden, Greiken, Roemeren [...], die welche die dinge, die geschuit sin in iren dagen, angeschreven haben [...] so wer it ummer umbillich, dat unser dinge, dir nu zer zit bi unsen dagen gescheen, al sin si minre, sulden ewichlich verswegen und ungemerkt hin gaen.”*

⁴¹ Tradução livre de: *“der selve buschof veink einen Joeden ind brach dem so groissen schatz af, dat he Gobesberch daemit lies buwen umbtrint anno 1209.”*

3.2 AS MENÇÕES AOS JUDEUS NOS RELATOS DO SÉCULO XIV E A PRIMEIRA EXPULSÃO

A primeira vez em que o cronista faz menção aos judeus no século XIV é no ano de 1324, ao mencionar a transformação do cemitério judeu chamado “*Joedenbuchel*” (“Os judeus mortos”) em uma praça chamada de “*Rosenkrants*” (Rosário). Vale ressaltar que esta passagem não faz alusão direta a indivíduos judeus, mas ao local utilizado por eles para sepultar seus mortos. O cronista coloca ainda que na ocasião estiveram presentes duas mil pessoas e que as honrarias duraram oito dias.

O autor expõe os acontecimentos em relação a comunidades judias na Francônia no ano de 1330:

Neste mesmo ano surgiu uma sociedade e escolheram um rei entre eles e ele se chama *Armleder*. o mesmo rei e a sociedade roubaram e mataram todos os judeus da Francônia.⁴² (KOELHOFF, *Chronik apud* HEGEL, p. 669)

Com essa passagem, o cronista faz referência a onda de ataques sofridos pelas comunidades judias de diversas cidades da Francônia e da Alsácia na primeira metade do século XIV. Estes massacres foram liderados pelo cavaleiro Arnold von Uissigheim, que ficou conhecido como rei *Armleder* (*rex Armleder*). (ISENMANN, 2014, p. 744) Com este trecho, o cronista revela que hostilidades contra comunidades judias estão acontecendo em outros locais, entretanto, não se faz referência alguma à cidade de Colônia neste momento.

No ano de 1334 há novamente uma menção ao cemitério dos judeus, entretanto desta vez como “*Judenkirchhof*” (Cemitério judaico). Desta vez, também não se apresentam os judeus como indivíduos, uma vez que o cemitério judaico aparece apenas como palco para um torneio de cavaleiros na cidade de Colônia. O cronista não dá detalhes mais específicos sobre o evento. Hegel (1877, p. 666) aponta que este episódio se encontra em outras fontes também. Aqui novamente não se faz uma alusão direta aos judeus, mas sim ao local utilizado por eles para seus sepultamentos.

No ano de 1349 encontra-se o registro mais rico do século XIV em relação aos judeus na *Koelhoffsche Chronik*. Isenmann (2014) caracteriza os anos entre 1348 e 1351 como o ápice do antijudaísmo na cidade neste século, uma vez que ondas de

⁴² Tradução livre de: “*In den selven jair stont ein geselschaf up ind machten ein konink under in ind der hiesch Armleder. der selve konink ind die geselschaf beroufden ind deden duitslain alle die Joeden in Vrankenlande.*”

ressentimentos se espalharam desde o sul em direção ao norte, acompanhando a epidemia de Peste Negra. (p. 744) Consta na crônica que os judeus ficaram durante 24 anos fora da cidade, entre 1349 e 1373, quando finalmente o Conselho da cidade permitiu que regressassem:

No ano anterior, no dia de São Bartolomeu, os judeus de Colônia queimaram-se a si próprios em suas casas e foram queimados em todos os lugares, porque envenenaram água e poços e tinham este comportamento para com a cristandade: assim eles foram, aqui me refiro como foi, perturbados, expulsos e enxotados para fora de Colônia na vigília de Bartolomeu. Assim, não tenho informação sobre o que fizeram antes do tempo de retornar a Colônia. o tempo que permaneceram fora de Colônia foi de 24 anos.⁴³ (KOELHOFF, *Chronick apud* HEGEL, 1877, p. 686)

Sobre este excerto, Anna Dorothee von den Brincken (1984) propõe que esta primeira referência ao massacre dos judeus de Colônia poderia ter sido mais explorada pelo autor da obra. Neste caso, a autora expõe que o cronista optou por silenciar e não revelar muitos detalhes (pp. 70-71). É conhecido que no ano de 1349, em todas as cidades renanas, judeus com ou sem julgamento foram queimados e que, em algumas delas, os próprios judeus colocavam fogo em suas casas consigo dentro delas. (ISENMANN, 2014, p. 745)

Nesse sentido, o cronista estabelece apenas que os judeus atearam fogo em si mesmos, em suas casas e no seu bairro. Esta perspectiva de autoimolação da comunidade judia é tema recorrente também em obras de outros cronistas, inclusive de outros lugares, como por exemplo na *Nürnbergger Weltchronik* de Hartman Schedel (1493). Contudo, Bönisch (1977) defende que nas fontes administrativas não se encontra essa questão tratando dos judeus como suicidas, o que caracteriza, portanto, uma carnificina. (p. 14) Sobre este episódio da noite de São Bartolomeu, o autor sustenta que:

Nervosos e exaltados pelas notícias de Worms e Mainz, centenas de habitantes de Colônia derrubaram o portão do bairro judeu em uma noite de agosto, matando todos os moradores: apenas alguns conseguiram escapar. Seus bens foram saqueados e tudo o que pudesse ser convertido em dinheiro, foi levado junto.⁴⁴ (BÖNISCH, 1977, p. 14)

⁴³ Tradução livre de: *“In dem vurß jair up sent Bartholomeus dach verbranten sich die Joeden selfs zo Coelne in iren huiseren ind man brant si ouch overal, want si die wasser und puitz venint hadden und hadden dat bestalt durch die cristenheit: so wurden si, do men it wis wart, verstoert, verdreven und verjaget uis Coellen in vigilia Bartholomei. zo wat ziden si in Coellen komen sin vur der zit, hain ich noch niet vonden. dan van der zit nu an bleven si uis Coellen 24 jair.”*

⁴⁴ Tradução livre de: *“Aufgedreht und erregt durch Nachrichten aus Worms und Mainz, ramnten an einem Augustabend Hunderte von Kölnern das Tor zum Judenviertel auf und töteten alle Bewohner: nur*

As causas para o ataque de 1349 são trabalhadas por Matthias Schmandt (2002), que propõe que derivam principalmente do acúmulo de sentimentos antijudaicos na região do baixo Reno, tendo seu ápice o final da primeira metade do século XIV com a culpabilização dos judeus pela propagação da Peste Negra (p. 85). Schmandt afirma ainda que o Conselho da cidade vinha adotando uma política de proteção dos judeus, entretanto, não fica claro porque os membros do Conselho não conseguiram evitar os acontecimentos de 1349 (p. 94).

De qualquer forma, depois que o desastre desestruturou a comunidade judaica, os conselheiros não gastaram muito tempo com mágoas e ressentimentos. Rapidamente se voltaram para a questão de como capitalizar o fracasso da própria política de proteção dos judeus.⁴⁵ (SCHMANDT, 2002, p. 95)

Sobre os acontecimentos em relação aos judeus em Colônia no ano de 1349, Isenmann (2014) conclui que:

Embora o Conselho de Colônia [...] tenha avisado sobre um possível ataque, caso a perseguição dos judeus fosse permitida, em 1349, após a morte do arcebispo Wahraus, houve a invasão do bairro judeu, localizado no centro, fechado com muros e semelhante a um gueto. Os judeus foram vítimas de roubo, pilhagem, incêndio e assassinato; mais tarde afirmou-se que os judeus queimaram-se a si mesmo.⁴⁶ (ISENMANN, 2014, p. 746)

Não há menção aos judeus na Crônica nos 24 anos que foram excluídos de Colônia. Ao referir-se ao regresso desse grupo à cidade, seu autor faz apenas uma breve menção ao acontecimento, sem detalhe algum, no ano de 1373:

No ano anterior voltaram os judeus [...] novamente a Colônia [...], já que foram expulsos de Colônia no ano do Senhor de 1349.⁴⁷ (KOELHOFF, Chronik *apud* HEGEL, 1877, p. 714)

A próxima menção dos judeus na Crônica revela um enforcamento em 1377:

No 5º dia de agosto, foram enforcados dois judeus, de nomes Simão e Davi, como os grandes entre os judeus. Simão deveria ser enterrado vivo, mas a

wenigen gelang es zu fliehen. Ihr Hab und Gut wurde geplündert und alles das fortgeschleppt, was Geld brachte.“

⁴⁵ Tradução livre de: *“Nachdem das Unheil über die Jugendgemeinde nun einmal hereingebrochen war, verbrachten die Ratsherren jedenfalls nicht allzuviel Zeit in gramvoller Bestürzung und Trauer. Schnell wandte man sich der Frage zu, wie man aus dem Scheitern der eigenen Judenschutzpolitik Kapital schlagen konnte.“*

⁴⁶ Tradução livre de: *“Obwohl der Kölner Rat vor [...] einem Übergreifen gewarnt hatte, falls man Judenverfolgungen zuließ, wurde in Köln 1349 nach dem Tod des Erzbischofs Wahraus das zentral gelegene, ghettoartig ummauerte Judenviertel gestürmt. Die Juden wurden Opfer von Raub, Plünderung, Brennen und Morden; später wurde angegeben, die Juden hätten sich selbst verbrannt.“*

⁴⁷ Tradução livre de: *“In dem vurß jair quamen die Joeden [...] weder zo Coellen [...] die widder uis Coellen verdreven wurden anno dni. 1349.“*

pedido do conde de Cleve, e que é cristão, deixaram-no andar neste mundo e viver. [...] estes judeus disseram mentira, que os juízes não estavam, e delataram os judeus em Oiste, entre Bonn e Colônia, onde também foram descobertos no ano seguinte.⁴⁸ (KOELHOFF, *Chronik apud HEGEL*, 1877, p. 722)

Vale ressaltar a referência à força, mecanismo central do ambiente jurídico e urbano medieval, uma vez que representa um instrumento para execuções de penas capitais. É importante também notar que as grandes cidades possuíam jurisdição própria, e que lhes permitia julgar tanto os crimes de instâncias superiores quanto os de tribunais inferiores, sendo que estes últimos geralmente culminavam em penas na forca ou porretadas. (ISENMANN, 2014, p. 509) No excerto acima, o cronista escreve (sem muitos detalhes) que dois judeus foram enforcados sem especificar o motivo da pena, apenas estabelecendo de maneira abrangente que os condenados mentiram.

3.3 AS MENÇÕES AOS JUDEUS NOS RELATOS DO SÉCULO XV E A SEGUNDA EXPULSÃO

No século XV, as hostilidades para com os judeus continuaram acontecendo em Colônia. Bönisch (1977) apresenta que os direitos após o regresso não eram mais como anteriormente, uma vez que os judeus podiam apenas arrendar casas, não podiam adquirir propriedades e não poderiam resgatar os empréstimos que efetuaram antes da expulsão. Ademais, o Conselho da cidade decretou em 4 de julho de 1404 a „*Judenordnung*“ (ordenação para os judeus), desmoralizando ainda mais o grupo. (p. 16)

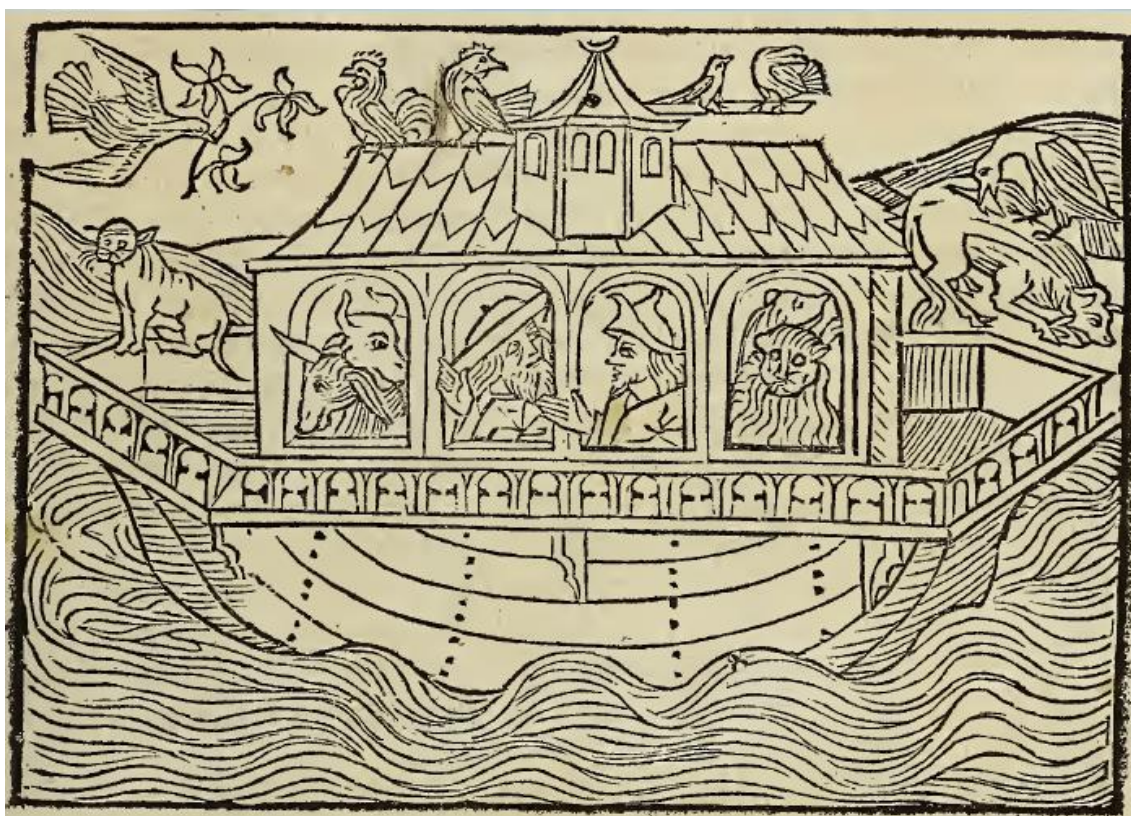
Em 24 disposições, esta ordenação impunha regras para vestimentas aos “Judeus e judias, jovens e velhos, moradores de Colônia e forasteiros que entram na cidade”⁴⁹ (JUDENORDNUNG 1404 *apud* BÖNISCH, 1977, p. 16), para que, desta maneira, fossem facilmente reconhecidos. Estipulou-se, por exemplo, as medidas das roupas, dos cabelos e o material para a confecção de sapatos e joias. Ademais, o mais marcante foi a

⁴⁸ Tradução livre de: “*In dem selben jair, des 5. Dages in dem august, wurden zwen Joeden gehangen, as Simon ind David, die hoechsten under den Joeden. Simon wis soude men levendich begraben hain, doch umb beden willen des greven van Cleve, der mit in dat veld reit, leis man si leven, want si sere suverlich was, ind si wart cristen. dese Jueden hatten dat orloge gemacht, dat die scheffen uiswaren, ind hadden Jueden veraden dem van Oiste tuschen Bunne ind Coellen, die ouch entheust wurden in dem naevolgenden jair.*”

⁴⁹ Tradução livre de: “*Juden und Jüdinnen, jung und alt, die in Köln wohnen und als Fremde hereinkommen.*”

obrigatoriedade de usar um distintivo em sua roupa, normalmente uma estrela de Davi colada à roupa ou um chapéu pontudo, conforme já determinava o IV Concílio de Latrão (1215). Isto está exemplificado a partir de uma ilustração na crônica de Koelhoff (FIGURA 5):

Figura 5 – Xilogravura da Koelhoffsche Chronik representando o episódio bíblico da Arca de Noé com judeus claramente reconhecidos pela utilização do chapéu distintivo.



Fonte: Koelhoffsche Chronik, 1499, fol. 12r. Digitalização da Universidade de Düsseldorf.⁵⁰

Além disso, esta regulamentação também continha regras de conduta para os judeus, como por exemplo: durante os feriados cristãos, deveriam permanecer em casa; não deveriam entrar na prefeitura, exceto quando autorizados pelo Conselho; com exceção da sinagoga, só poderiam reunir-se em dois ou três; foram proibidos de jogar seus lixo na rua, etc. Aqueles que violassem essas regras deveriam ser punidos pelo arcebispo e pela cidade. Por fim, a ordem ampliou a autorização de residência aos judeus em Colônia até 1414.

⁵⁰ Disponível em: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ink/content/pageview/3666106> (último acesso em 05/12/2017)

É justamente neste ano de 1414 a primeira vez que a *Cronica van der hilliger stat van Coellen* faz referência aos judeus no século XV, quando relata a tentativa de assassinato de um rico judeu de nome Meier:

No mesmo ano vieram 4 homens a Colônia, à alameda dos judeus, para [encontrar] um judeu de nome Meier. os 4 homens afirmaram que queriam penhorar algo e perguntaram pelo Meier. ele veio. então eles quiseram colocar-lhe uma gargalheira para prendê-lo, o que segundo suas palavras deveria acontecer, pois este custou-lhes muito dinheiro, e amarraram-no pelo pescoço e riram. e o Meier estava em perigo e chamou: “armas“! e seus empregados vieram correndo e dominaram [pela força] e feriram, e eles fugiram, sendo que um correu em zigue-zague e escapou. o outro estava muito ferido e foi enforcado.⁵¹ (KOELHOFF, *Chronik apud* HEGEL, 1877, p. 749)

Segundo o catálogo prosopográfico de Schmandt (2002), a família Meier era uma das mais influentes e ricas dentro da comunidade judia da Colônia medieval (pp. 237-242). Entretanto, o cronista não revela grandes informações sobre o crime nem sobre a vítima. Pode-se inferir que o trecho comprova que as hostilidades para com os judeus não cessaram em Colônia após o reingresso destes na cidade e dirigiam-se principalmente aos judeus com maior acúmulo de riquezas.

Os sentimentos antijudaicos intensificavam-se em Colônia por diversas alegações:

A este respeito, a cidade de Colônia não esconde apenas os interesses materiais por trás de uma religiosidade simulada, mas sim interpreta os aspectos religiosos como graves e entende os outros como sua consequência. A história religiosa, social e econômica não pode ser separada facilmente no século XV.⁵² (BRINCKEN, 1971, p. 320)

É justamente nesta perspectiva onde se encontra o material mais rico sobre os judeus medievais nos relatos da Koelhoffsche Chronik: a expulsão destes da cidade. O cronista reserva cerca de meia página para relatar este segundo expurgo, no ano de 1423:

⁵¹ Tradução livre de: “*In dem selven jair quamen 4 gesellen zo Coellen in die Juedengasse zo eime Jueden genant der Meier. die vurß 4 manne namen sich an mit worden, of si pende versetzen wouldden, ind vraechden, nae dem Meier. he quam. do wouldden si eme einen iseren halsbant umblegen, dat he in hedde nae moissen volgen ind hedde sich in af moissen mit sime groissen gelde, ind hatten eme den binae umd den hals gelacht. ind der Meier wart gewair ind reif: “waefen“! ind weirde sich, ind sin gesinne quam herzo geloufen ind wurden der 4 man mechtich ind wonten si dat si vluiven, in der einre vlooi zo schif ind entquame. der ander wart sere gewont [...] der selve wart aldae gehangen.*“

⁵² Tradução livre de: “*Insofern versteckt die Stadt Köln ihre materiellen Interessen auch nicht einfach hinter einer vorgetäuschten Frömmigkeit, vielmehr deutet sie mit Recht die religiösen Gesichtspunkte als die gravierenden und versteht die übrigen als deren Folge. Religions-, Sozial- und Wirtschaftsgeschichte lassen sich für das 15. Jahrhundert nicht einfach trennen.*“

No ano anterior os judeus dentro de Colônia tiveram sua proteção e seu abrigo extintos para sempre. Mas se permitiu naquele ano morarem em Colônia e a maioria dentro deste ano não pôde emprestar e também receber dinheiro dos seus credores [cujas dívidas antigas se aproximavam do prazo] [...] então reclamaram ao bispo: a maioria pediu e à cidade de Colônia para tornar-se protegidos dentro de Colônia, como quem protege todos os seus, e tiveram aquilo estabelecido, desejando que os fizessem livres na cidade. o bispo escreveu isso para a cidade [...] e por isso eles foram rejeitados, e expulsos de Colônia para os dias eternos. os judeus procuraram grande ajuda com o imperador e com o bispo. a cidade degradou a todos e eles tiveram que ir embora. *| o bispo ignorou-os duas vezes de tal maneira: não importa. eles escreveram ao imperador como anteriormente |*: mas o imperador respeitou os direitos na cidade, *| então ele não podia forçar a cidade [a não expulsar os judeus]|*. a cidade também escreveu ao papa e o papa confirmou os seus privilégios, e por isso a cidade se defendeu das cartas do imperador e do bispo. os novos donos devem fazer uso da comunidade – assim escreveu alguém nas crônicas dos bispos de Colônia.⁵³ (KOELHOFF, *Chronik apud HEGEL*, 1877, pp. 758-759)

Ao ler o fragmento acima, fica claro que o cronista não apresenta uma reflexão sobre os motivos nem os desdobramentos sociais da decisão do Conselho, uma vez que expõe apenas que foi decidido pela não permanência dos judeus na cidade e que esta resolução teve apoio do bispo, do imperador e do papa. Nesse sentido, o cronista traz em sua obra o episódio-ápice do antijudaísmo medieval em Colônia a partir da narração da expulsão com base na descrição do que consta em suas fontes, as crônicas dos bispos de Colônia, que são inclusive mencionadas.

Sabe-se que em agosto de 1423 o Conselho de Colônia decidiu por não renovar a permissão de residência para os judeus na cidade, lembrando que em 1414 ela havia sido renovada pela última vez e que a sua vigência era geralmente de 10 anos. Com isso, os judeus tinham autorização para ficar na cidade até primeiro de outubro de 1424, após isso deveriam deixar a cidade. Este prazo serviria para que os expulsos pudessem assim cumprir com seus compromissos, além de também ser-lhes proibida a realização empréstimos, já que estes não estariam mais na cidade para a quitação destas dívidas. (BRINCKEN, 1971, p. 305)

⁵³ Tradução livre de: “*In dem vurß jair do wart den Joeden binnen Coellen iren schirm und vurwart upgesacht ind wurden uisgewist zo den ewigen dagen. doch lies men si dat jair uis zo Coellen wonen und moisten binnen dem jair niet uislenen und ouch dat iederman sine pende loeste, dat quam alsus zo [...] do claignden si dem bischof: si moisten der stat Coellen so vil geven umb dat allein dat si van den raide binnen Coelne beschirmpt wurden, as eme der si durch alle sin lant beschirmde, ind hadden dat gerne afgestalt gehat, begerende van eine dat he si vortme vri meechte van der stat. der bischof schreif it der stat [...] dairumb wurden si van der stat vurwerden verwist uis Coelne zo ewigen dagen. die Joeden soichten groisse hulpe an dem keiser ind an dem bischof. die stat verquam si alle ind si moisten rumen. *|der bischof lachte sich zomail sere darweder: it enhalp allet niet. si schreven zo dem keiser as vurß |*: mer als dem keiser der stat privilegien vurgehalden wurden, *|so enmocht he mit gheinem recht die stat dairzo zwingen|*. Ouch schreif die stat an dem pais ind wis de irre privilegie und wurden van dem pais bestediget, ind dairumb enkeirde sich die stat an des keisers noch bischofs brief niet. novit dominus si bonum fecit comunitati, - alsus schrift einre in der croniken van den bischoffen van Coellen.*”

A carta direcionada ao imperador mencionada pelo cronista é datada de 1431, quando os judeus já estavam há quase sete anos fora de Colônia é caracterizada por Brincken (1971) da seguinte forma:

A carta de justificativa ao rei Sigmund divide-se em três seções principais: na primeira, a cidade de Colônia pede desculpa pela negligência; na segunda, ela descreve seu envolvimento com o bispo como agente oficial da proteção dos judeus, afirmando seus motivos; na terceira, ela pede ao rei igualmente a aprovação do seu comportamento, que, entretanto, já havia sido aprovado pelo bispo.⁵⁴ (BRINCKEN, 1971, pp. 317-318)

Os motivos mencionados na carta que levaram a cidade a não permitir mais judeus dentro de seu perímetro também são elencados pela autora, sendo vinculados com o perigo de proselitismo; a impotência da cidade em protegê-los frente aos tumultos da Cruzada Hussita; a usura; a consideração de sua expulsão dos territórios e cidades vizinhas; a santidade da cidade de Colônia; os boatos de envenenamento de poços e o medo da propagação de alguma epidemia (p. 319).

Nesse sentido, pode-se perceber a multiplicidade de justificativas que levaram os judeus a se tornarem um problema dentro da cidade. Além disso, é importante ressaltar o protagonismo da opinião pública no que diz respeito à disseminação de lendas e estereótipos contra este grupo. Tendo isso em mente, deve-se pensar a *Cronica van der hilliger stat van Coellen* não apenas como reflexo do contexto em que foi escrita, mas também como produtora de material sobre estes episódios que acontecem na cidade e como difusora deles.

Após a expulsão dos judeus, era necessária uma autorização para estes ingressarem em Colônia. Esta determinação perdurou até 1797, quando tropas revolucionárias francesas ocuparam Colônia. A liberdade legal para presença de judeus em Colônia foi estabelecida novamente apenas a partir de 11 de dezembro de 1797, quando as autoridades revolucionárias proclamaram que: "Somente e apenas a Deus se deverá prestar contas de suas crenças e os seus direitos civis não dependerão delas".⁵⁵

⁵⁴ Tradução livre de: "Der Rechtfertigungsbrief an König Sigmund zerfällt inhaltlich in drei Hauptabschnitte: im ersten entschuldigt sich die Stadt Köln wegen ihrer Säumigkeit; im zweiten schildert sie unter Angabe ihrer Motive die Auseinandersetzung mit dem Bischof als dem offiziellen Inhaber des Judenregals; im dritten bittet sie den König gleichermaßen um Billigung ihres Verhaltens, das inzwischen auch der Bischof gutgeheißen hatte."

⁵⁵ Tradução livre de: "Nur Gott allein werdet Ihr von Euren Glaubensmeinungen Rechenschaft ablegen, und Eure bürgerlichen Rechte werden von diesen nicht abhängen."

(BÖNISCH, 1977, p. 18) Vale ressaltar que não há na Crônica de Koelhoff menções aos judeus no exílio nem a conversões forçadas durante esse período.

A Crônica de Koelhoff traz referência aos judeus novamente no ano de 1426, quando o cronista alude à transformação da sinagoga em uma capela dedicada à Virgem Maria e, que teria recebido o epíteto de Jerusalém:

No mesmo ano [...] o conselho de Colônia fez da Sinagoga uma capela em honra de Santa Maria, [e ela foi] chamada „Jerusalém“. no dia anterior saudou-se com muitas honras na mesma capela a santa missa e cantou-se com este kantele.⁵⁶ esta Sinagoga esteve durante 400 e 14 anos nas mãos dos Judeus, aliás 386.⁵⁷ (KOELHOFF, Chronik *apud* HEGEL, 1877, p. 762)

Miri Rubin (2009) afirma que no século XV o culto mariano havia se espalhado de tal maneira que em todos os lugares havia imagens para lembrar os cristãos de sua constante presença. Esta crescente ubiquidade da imagem de Maria contribuiu para a mobilização popular em torno de sua imagem, encorajando práticas identitárias ocasionadas pela sua presença. (p. 67) Entretanto, a autora expõe que o culto à imagem mariana também representava uma declaração contra os judeus.

No decurso do século XV, as políticas urbanas de várias cidades alemãs levaram a expulsões de suas comunidades judaicas, muitas vezes impulsionadas pela influência das guildas e facilitadas pela pregação dos frades. Os espaços deixados vazios no coração das cidades ofereciam oportunidades: as propriedades foram restituídas, pedras foram usadas para a construção de novos edifícios, e as sinagogas às vezes se transformaram em capelas marianas.⁵⁸ (RUBIN, 2009, p. 68)

Com isso, a autora expõe que a utilização de espaços ocupados por judeus antes de sua expulsão das cidades com outra finalidade era bastante comum no Sacro Império. Isso confirma o caso apresentado no trecho mencionado. As transformações de construções judaicas em capelas dedicadas à Virgem Maria nesses contextos comprovam que a identidade do cristão no final da Idade Média relacionava-se diretamente com Maria, vinculada a “hábitos emocionais” desenvolvidos em torno de

⁵⁶ Kantele é um instrumento musical de cordas, que possui origem no folclore celta e que também é conhecido como “harpa finlandesa”.

⁵⁷ Tradução livre de: “*In dem selven jair [...] dede der rait van Coellen die Joedenschoile wien in ere unser liever vrawwen ind wart die capelle genoempt ‚zo Jheusalem‘. up den vurß dach heilt men mit groissen eren in der selven capellen homisse ind wart gesongen mit dis cante. dese Joidenschole hadde gestanden in der Joeden hat 400 ind 14 jair, alias 386.*”

⁵⁸ Tradução livre de: “*In the course of the fifteenth century urban politics of several German cities led to expulsions of their Jewish communities, often prompted by the lobbying of guilds and facilitated by the preaching of friars. The spaces left empty in the heart of cities offered opportunities: properties were reallocated, stones were used for the erection of new buildings, and synagogues were sometimes turned into Marian chapels.*”

suas imagens. (RUBIN, 2009, p. 70) Contudo, pode-se concluir também que o epíteto “Jerusalém” recebido pela capela e apresentado pelo cronista faz uma alusão à antiga função enquanto sinagoga. Além disso, a crônica revela ainda que aquele espaço estivera durante 386 anos com os judeus de Colônia.

Após isso, a Koelhoffsche Chronik não menciona mais os judeus em relação à Colônia. Ocasionalmente há observações muito curtas de casos fora de Colônia, como, por exemplo, ao referir que os judeus de Mainz apoiaram o candidato errado a arcebispo da cidade no conflito que lá aconteceu, uma vez que foram expulsos daquela cidade pelo arcebispo vencedor em 1462. Há igualmente uma menção muito breve do suposto assassinato ritual do menino Simon de Trento, em 1475.

Nesse sentido, pode-se pensar que uma vez que a Crônica não mais faz alusão aos judeus em Colônia, estes não tinham mais relação alguma com a história e presente da cidade. Para o cronista, os judeus haviam sido expulsos de Colônia e isso representava que a partir de então este grupo estava excluído da história da cidade que este se propunha a escrever. Entretanto, sabe-se que:

A expulsão dos judeus da maioria das cidades a partir do final do século XIV ocasionou uma série de assentamentos judaicos fora dos muros das cidade, bem como nas cidades menores, onde os judeus tinham uma importante função intermediária no comércio entre a cidade e as redondezas. Consequentemente fez-se necessária também regulamentação para a coexistência entre cristãos e judeus.⁵⁹ (RIES, 1994, p. 295)

⁵⁹ Tradução livre de: *“Die Vertreibung der Juden aus den meisten Städten sei Ende des 14. Jahrhunderts ließ eine Reihe von landherrlichen Siedlungen von den Toren bedeutender Städte [...] entstehen, in denen die Juden wie in den Kleinstädten eine wichtige Vermittlerfunktion im Handel zwischen Stadt und Umland einnahmen. Dementsprechende vergrößerte sich der Regelungsbedarf für das Zusammenleben von Christen und Juden [...].”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das menções aos judeus feitas pela *Cronica van der hilliger stat van Coellen*, pode-se entender melhor a conjuntura dos judeus no contexto da Idade Média Tardia em uma cidade do Sacro Império Romano-Germânico. Nesse sentido, os judeus são apresentados como grupo marginal e estigmatizado da sociedade daquele período, o que é comprovado pela crônica em questão.

As poucas vezes em que os judeus medievais são retratados durante os séculos XIII, XIV e XV na crônica revelam claramente que os judeus têm espaço marginal nesta obra. Pode-se relacionar isto diretamente com a sociedade e época em que o documento foi escrito, ao passo que os judeus são mais relevantes apenas em dois episódios: os dois casos de expulsão e consequente perda de liberdades na cidade.

Deve-se pensar a Crônica de Koelhoff como um incunábulo ilustrado que, publicado em 1499, se insere no contexto do paulatino advento da imprensa, que também se propõe como difusor de informações sobre a cidade de Colônia naquele período. Tendo isso em vista, é importante ressaltar o mérito deste documento enquanto reprodutor de sua realidade histórica, bem como difusor de conhecimento, mesmo não tendo uma receptividade significativa quando de sua publicação.

Refletindo sobre a paulatina generalização do antijudaísmo na Europa medieval, e ao referir-se à “*Koelhoffische Chronik*“, Anna Dorothee von den Brincken (1984) defende que o material analisado não apresenta ressentimentos contra os judeus nem expressa estereótipos em relação à cultura e religião judaicas. A autora sustenta este argumento baseada em fontes cronísticas de outras cidades, a exemplo da *Nürnbergger Weltchronik* de 1493, na qual a temática antijudaica aparece numerosas vezes. (p. 71)

Entretanto, esta pesquisa entende que ao apresentar duas vezes contextos de expulsão dos judeus da cidade, a Crônica comprova a existência de hostilidades e de comportamentos antijudaicos na cidade em questão, culminando nas expulsões. Além disso, também pode-se pensar que as ausências de menções aos judeus nestas fontes revelam uma intencionalidade do autor em excluí-los da história da cidade, o que também corrobora a hipótese do antijudaísmo naquele contexto.

Em geral, as representações dos judeus na *Koelhoffische Chronik* se dão em episódios esparsos e sem conexão direta entre eles. Não obstante, mesmo não havendo

expressões diretas de estereótipos nem de reprodução de lendas antijudaicas, isso revela que o autor não se preocupa em integrar os judeus dentro da história da “sagrada cidade de Colônia” e inseri-los em sua obra. Entende-se, portanto, também essa ausência como uma expressão das facetas do antijudaísmo medieval da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. Fonte:

HEGEL, Carl; CARDAUNS, Hermann (Ed.). Die Chroniken der niederrheinischen Städte (Köln). Vol 2. Editora Salomon Hirzel: Leipzig, 1876.

HEGEL, Carl; CARDAUNS, Hermann (Ed.). Die Chroniken der niederrheinischen Städte (Köln). Vol 3. Editora Salomon Hirzel: Leipzig, 1877.

KOELHOFF, Chronik. 1499. Edição digitalizada e disponibilizada pela Universidade de Düsseldorf. Disponível em: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ink/content/pageview/3666106> (último acesso em 05/12/2017)

II. Bibliografia:

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história social da medicina na Idade Média. In: AEDOS, vol. 2, nr. 2, 2009, pp. 36-55.

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Führende Kölner Familien im Spätmittelalter: eine prosopographische Untersuchung. Editora Cuvillier: Göttingen, 2015.

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Topografia e estratificação social: representações e mecanismos de poder na cidade medieval. In: Anos 90, Porto Alegre, n. 14, dez/2000, pp. 294-311.

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Las Siete Partidas no contexto da globalização do antijudaísmo do século XIII. 2017. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). Em: Colóquio internacional „Las Siete Partidas: une codification normative pour un nouveau monde“ Organizado por Stéphane Boissellier, Jérôme Devard e Charles Garcia. 2 a 4 de novembro de 2017. Casa de Velázquez, Madri, Espanha.

ARENDDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. Editora Schwarcz: São Paulo, 1998.

ASARIA, Zvi (Hg.). Die Juden in Köln: *von den ältesten Zeiten bis zur Gegenwart*. Köln: 1959.

BARROS, José D'Assunção. *História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a História*. In: Revista de História Comparada, vol. 1, n. 1, junho de 2007, pp. 1-30.

BARZEN, Rainer. Zur Siedlungsgeschichte der Juden im mittleren Rheingebiet bis zum Beginn des 16. Jahrhunderts. In: HAVERKAMP, Alfred; CASTRITIUS, Helmut; IRSIGLER, Franz; JERSCH-WENZEL, Stefi. *Forschungen zur Geschichte der Juden*. Verlag Hahnsche Buchhandlung: Hannover, 2002, pp. 55-74.

BÖNISCH, Georg. Die Juden – Opfer des wilden Mobs. In: *Tatort Köln*. Köln, 1977, pp. 10-18.

BOTTICI, Chiara; CHALLAND, Benoît. Rethinking political myth: *The clash of civilizations as a self-fulfilling prophecy*. In: *European Journal of Social Theory* 9(3), 2006, pp. 315-336.

BRINCKEN, Anna-Dorothee von den. Die Juden in der kölnischen Chronistik des 15. Jahrhunderts. In: BOHNKE-KOLLWITZ, Jutta; ECKERT, Willehad Paul; GOLCZEWSKI, Frank; GREIVE, Hermann (orgs.). *Köln und das rheinische Judentum: Festschrift Germania Judaica 1959-1984*. Köln, 1984, pp. 63-74.

_____. Die Vertreibung der Juden aus Köln 1424: Die Stadt rechtfertigt sich vor dem König, 28. August 1431. In: DEETERS, J.; HELMRATH, J. *Quellen zur Geschichte der Stadt Köln, Bd. II, Spätes Mittelalter und Frühe Neuzeit (1396-1794)*. 1996, pp. 69-74.

_____. Das Rechtfertigungsschreiben der Stadt Köln wegen Ausweisung der Juden im Jahre 1424 – Zur Motivierung spätmittelalterlicher Judenvertreibungen in West- und Mitteleuropa. In: STEHKÄMPER, Hugo (org). *Köln, das Reich und Europa*. Editora de Paul Neubner: Colônia, 1971, pp. 305–339.

COHEN, Rodrigo Laham. Antisemitismo, antijudaísmo y xenofobia: Palabras, conceptos y contextos en la Antigüedad y la Alta Edad Media. In: *Conceptos Históricos* 2, 2016, pp. 12-39.

COHN, Willy. *Juden und Staufer in Unteritalien und Sizilien*. Scientia Verlag Aalen: Darmstadt, 1978.

DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

EHRMAN, Albert. The origins of the ritual murder accusation and blood libel. In: *Tradition: A Journal of Orthodox Jewish Thought*, Vol. 15, No. 4, 1976, pp. 83-90.

ENGEL, Evamaria. *Die Deutsche Stadt des Mittelalters*. München, 1993.

FINGER, Heinz. Der Druck der “Koelhoffschen” Chronik im Kontext der Drucklegung zeitgenössischer Chronikausgaben. In: MÖLICH, Georg; NEDDERMEYER, Uwe; SCHMITZ, Wolfgang (Orgs.) *Spätmittelalterliche städtische Geschichtsschreibung in Köln und im Reich*. Editora SH: Colônia, 2001, pp. 113-121.

FISCHER, Lars. Is the study of Jewish-Christian relations in Europe still important? In: *East European Jewish Affairs*, Vol. 43, No. 3, 2013, pp. 332–341.

FLECKENSTEIN, Joseph; STACKMANN, Karl (Orgs.) *Über Bürger, Stadt und städtische Literatur im Mittelalter*. Editora Vandenhoeck & Ruprecht: Göttingen, 1980.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Os reinos dos cronistas medievais (século XV)*. São Paulo: Annablume, 2006.

GIDAL, Nachum T. *Die Juden in Deutschland: von der Römerzeit bis zur Weimarer Republik*. Könenmann Verlag: Köln, 1977.

GIEL, R. Politische Öffentlichkeit im spatmittelalterlich-fruhneuzeitlichen Köln (1450-1550). Berlin, 1997.

GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRANDSEN, Antonia. Propaganda in English medieval historiography. *Journal of Medieval History* I (1975), pp. 363-382.

GRUNDMANN, H. Geschichtsschreibung im Mittelalter. Editora Vanderhoeck & Ruprecht: Göttingen, 1987.

HAVERKAMP, Alfred. Zur Geschichte der Juden im Deutschlnad des Späten Mittelalters und der Frühen Neuzeit. Anton Hiersmann: Stuttgart, 1981.

_____. Jews in the Medieval German Kingdom. Trier University Library, 2015.

HENG, Geraldine. England's Dead Boys. *Telling Tales of Christian-Jewish Relations Before and After the First European Expulsion of the Jews*. In: *Modern language notes*, vol. 127, 2012, pp. 54-85.

HENNING, Beate. Kleines Mittelhochdeutsches Wörterbuch. Editora Max Niemeyer: Tübingen, 2007.

HERGEMÖLLER, Bernd-Ulrich. (Org.). Randgruppen der spätmittelalterlichen Gesellschaft: *Ein Hand- und Studienbuch*. Editora Faflbusch: Warendorf, 1994.

ISENMANN, Eberhard. Die deutsche Stadt im Mittelalter: *1150-1500*. Editora Böhlau: Colônia, Weimar e Viena, 2014.

JOHNSON, Paul. História dos judeus. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

JOHNSON, Willis. The myth of Jewish male menses. *Journal of Medieval History*. Vol. 24, No. 3, 1998, pp. 273-295.

JÜTTE, Daniel. Interfaith Encounters between Jews and Christians in the Early Modern Period and Beyond: *Toward a Framework*. Brown University: julho 2014.

KOSEGARTEN, J. G. L. Bemerkungen über die Niederdeutsche Sprache In: HOEFER, A. (Org.) *Zeitschrift für die Wissenschaft der Sprache*. Vol. 1. Editora de G. Reimer: Berlim, 1846, pp. 352-378.

KOSELLECK, Reinhart. Begriffsgeschichten. Editora Suhrkamp: Frankfurt am Main, 2006.

KRISTELLER, Paul Oskar. The Alleged Ritual Murder of Simon of Trent (1475) and Its Literary Repercussions: *A Bibliographical Study*. In: *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, Vol. 59, 1993, pp. 103-135.

LANGMUIR, Gain I. Thomas of Monmouth: *Detector of Ritual Murder*. In: *Speculum*, Vol. 59, No. 4, 1984, pp. 820-846.

LE GOFF, Jacques. Dicionário dos nomes, termos e noções. In: *A civilização do Ocidente Medieval (volume II)*. Lisboa: Editora Estampa, 2ª ed., 1995, pp. 251 -355.

_____; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). Dicionário Temático do Ocidente Medieval II. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. Editora S. Hirzel: Stuttgart, 1992.

LOHBERG, Rolf. *Kleine Geschichte des Rheinlands*. Konrad Thies Verlag: Stuttgart, 2010.

MACEDO, José Rivair. Os estudos de história medieval no Brasil: tendências e perspectivas. In: *Notandum*, ano XII, nr. 21, set/dez. 2009, pp. 95-103.

MASCHKE, Erich. Soziale Gruppen in der deutschen Stadt des späten Mittelalter. In: FLECKENSTEIN, Joseph; STACKMANN, Karl (Orgs.) *Über Bürger, Stadt und städtische Literatur im Mittelalter*. Editora Vandenhoeck & Ruprecht: Göttingen, 1980, pp. 127-145.

MCCULLOH, John M. Jewish Ritual Murder: *William of Norwich, Thomas of Monmouth, and the Early Dissemination of the Myth*. In: *Speculum*, Vol. 72, No. 3, 1997, pp. 698-740.

MENACHE, Sophie. Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction. In: *Journal of Medieval History*, nº 32, 2006, pp. 333-345.

_____. Matthew Paris's attitudes toward Anglo-Jewry. In: *Journal of Medieval History*, vol. 23, no. 2, 1997, pp. 139-162.

MENTGEN, Gerd. Die Juden waren stets eine Randgruppe. In: BURGARD, F.; CLUSE, C.; HAVERKAMP, A. (Orgs.) *Beiträge zur mittelalterlichen Geschichte und geschichtlichen Landeskunde*. Editora Trierer Historische Forschungen: Trier, 1996, pp. 393-411.

MORAIS, Vinícius de Freitas. *A Crônica de Nuremberg e o antijudaísmo em xilografuras no final do século XV*. Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de História – Trabalho de Conclusão de Curso, 2016.

NEDDERMEYER, Uwe. Städtische Geschichtsschreibung im Blickfeld von Stadthistorie, Inkunabelkunde, Literatur- und Historiographieggeschichte. In: MÖLICH, Georg; NEDDERMEYER, Uwe; SCHMITZ, Wolfgang (Orgs.) *Spätmittelalterliche städtische Geschichtsschreibung in Köln und im Reich*. Editora SH: Colônia, 2001, pp. 1-29.

_____. Koelhoff's Grosse Fehlkaukulation? In: MÖLICH, Georg; NEDDERMEYER, Uwe; SCHMITZ, Wolfgang (Orgs.) *Spätmittelalterliche städtische Geschichtsschreibung in Köln und im Reich*. Editora SH: Colônia, 2001, pp. 123-138.

NIRENBERG, David. *Communities of violence: Persecution of Minorities in the Middle Ages*. Princeton University Press: Princeton, 1996.

PEREIRA, N. M., ALMEIDA, C. C., TEIXEIRA, I. S. (Orgs.). *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

PERRY, Micha J. Imaginary space meets actual space in thirteenth-century Cologne: Eliezer Bem Joel and the Eruv. In: *IMAGE 5*. Koninklijke Brill NV, Leiden, 2011, pp. 26-36.

PESAVENTO, Sandra J. Cultura e representações, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, pp. 45-58, jan./dez. 2006.

PLANITZ, Hans. *Die Deutsche Stadt im Mittelalter: Von der Römerzeit bis zu den Zünfkämpfe*. Wiesbaden: 1996.

RIES, Rotraud. Juden: *Zwischen Schutz und Verteufelung*. In: HERGEMÖLLER, Bernd-Ulrich. (Org.). *Randgruppen der spätmittelalterlichen Gesellschaft: Ein Hand- und Studienbuch*. Editora Faflbusch: Warendorf, 1994, pp. 284-327.

ROGGE, Jörg. *Recounting Deviance: Forms and practices of presenting divergent behavior in the Late Middle Ages and Early Modern Period*. Transcript Verlag: Bielefeld, 2016.

_____. *Cultural History in Europe. Institutions, Themes, Perspectives*. Bielefeld: Mainzer Historische Kulturwissenschaften, 2011.

ROSE, E. M. *The murder of William of Norwich*. Oxford University Press: Nova Iorque, 2015.

RUBIN, Miri. *Emotion and Devotion: The Meaning of Mary in Medieval Religious Cultures*. Central European University Press: Budapeste e Nova Iorque, 2009.

RÜPKE, Jörg. Discourses and Narratives, Experiences and Identities. In: *Religion in the Roman Empire*. Vol. 2, No. 2, 2016, pp. 149-151.

SAND, Schlomo. *A Invenção do povo judeu*. Editora Benvirá: São Paulo, 2011.

SCHMANDT, Matthias. *Judei, cives et incole: Studien zur jüdischen Geschichte Kölns im Mittelalter*. Verlag Hahnsche Buchhandlung: Hannover, 2002.

SHACHAR, Isaiah. *The judensau: A Medieval Motif and its History*. London: Warburg Institute - Institute of London, 1974.

SPIEGEL, Gabrielle M. *The Past as Text: The theory and practice of medieval historiography*. The John Hopkins University Press: Baltimore e Londres, 1997.

WEBER, Dieter. Die bürgerliche Geschichtsschreibung des Spätmittelalters und ihre Bedeutung als Gegenstand historischer Forschung. In: *Geschichtsschreibung in Augsburg*. Editora Böhrer: Würzburg, 1984, pp. 17-31.

WENNINGER, Markus J. Zum Verhältnis der Kölner Juden zu ihrer Umwelt im Mittelalter. In: BOHNKE-KOLLWITZ, Jutta; ECKERT, Willehad Paul; GOLCZEWSKI, Frank; GREIVE, Hermann (orgs.). *Köln und das rheinische Judentum: Festschrift Germania Judaica 1959-1984*. Köln, 1984, pp. 63-74.